

# HISTÓRIAS PITORESCAS DA MAÇONARIA



**1ª Concurso Literário do GOB-SP**



## **ORGANIZAÇÃO:**

Cesar Augusto Pascali Rago  
Rafael Souza Silva (*in memoriam*)  
Tiago Rafael dos Santos Alves

# **HISTÓRIAS PITORESCAS DA MAÇONARIA**

1º concurso literário do GOB-SP

1ª edição

**publiX**  
LIVROS

São Paulo  
2023

## Equipe técnica:

### Comissão editorial:

Cesar Augusto Pascali Rago

Rafael Souza Silva (*in memoriam*)

Tiago Rafael dos Santos Alves

### Diagramação e projeto gráfico:

Rodrigo Barros

### Capa:

Carlos Augusto Roque

### Revisão:

Tiago Rafael dos Santos Alves

## Ficha técnica:

R144h

Rago, Cesar Augusto Pascali

Histórias pitorescas da Maçonaria / Cesar Augusto Pascali Rago, Rafael Souza Silva, Tiago Rafael dos Santos Alves (organização) - São Paulo: Publix Livros, 2023.

88p. ; 21 cm.

ISBN: 978-65-999482-2-0


1. Literatura brasileira. I. Título

CDD: B869.3  
CDU: 82-3(81)

 cartolaeditora.com.br

 /cartolaeditora

 /cartolaeditora

 /cartolaeditora

A Publix Livros é a editora de autopublicação do grupo Cartola Editora.

Todos os direitos desta edição reservados à Publix Livros. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização por escrito da editora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

# SUMÁRIO

07	Prefácio
09	Introdução
11	WhatsApp, o Frankenstein
19	Viagem ao tempo
23	O dia do telhamento
25	Bons exemplos edificam
29	Bodes e cabras
31	A Criação do R. E. A. A.
35	Salmo 133
39	O amargo que ficou doce
41	Uma breve história da Maçonaria
49	Sinal de ordem
51	A intrusa
53	Um estranho no ninho
59	O maçom seresteiro
63	Um maçom de fibra
67	O melhor orador
69	Fervorosa iniciação
73	O velho mestre
77	Irmão Saulo
79	Irmãos gêmeos fraternos
83	Apêndices
83	O que é a Maçonaria
84	Grande Oriente do Brasil de São Paulo



## PREFÁCIO

Mario Vargas Llosa disse, ao receber o Prêmio Nobel de Literatura, que a leitura promove a magia de traduzir as palavras em imagens. Este 1º Concurso Literário promovido pelo Grande Oriente do Brasil de São Paulo – GOB-SP, através de sua Secretaria de Educação e Cultura, teve por finalidade reunir histórias ou situações curiosas ocorridas em nosso dia a dia maçônico que, habitualmente, são transmitidas de forma oral de um Irmão para outro fora dos nossos Templos, normalmente nos ágapes após as sessões, convertidas em uma forma escrita, extraindo de cada um a habilidade de traduzir as imagens mentais de sua memória em palavras organizadas e coerentes, estimulando assim nossos Irmãos ao exercício da prática de nossa língua portuguesa, no que tange à gramática, à retórica e à lógica.

Em uma confraternização da Oficina ou outro momento de descontração entre os Irmãos, essas lembranças de situações pitorescas sempre vêm à tona. A ideia então, foi propiciar aos Irmãos dividi-las e contá-las através de um conto ou uma prosa, e, posteriormente, reuni-las em uma publicação que tivesse a característica de arrancar um sorriso do leitor e trazer-lhe à memória uma história semelhante.

De plano sabia-se que seria impossível reunir todas as histórias, mas a primeira empreitada de todo tipo é sempre o pontapé inicial e o primeiro passo de uma longa caminhada, é uma iniciativa saudável, para que outras venham seguindo seu rastro.

A competição em si, promovida pelo concurso, tem menos importância que a divulgação dessas lembranças, por esse motivo todos os trabalhos merecem elogio, ainda que não tenham se enquadrado por completo no tema central. Como já relatado acima, a conversão da memória oral em memória escrita tem também expressiva relevância neste projeto e, certamente, este nosso objetivo foi atingido.

Em nome do GOB-SP agradeço a participação daqueles que se dispuseram a escrever suas memórias, dedicando parte de seu tempo a compartilhar suas vivências, o que, de fato, é a forma mais eficaz de unir e fortalecer grupos, pois muitos Irmãos ao lerem os textos, certamente se identificarão ou relembarão fatos por eles também vividos.

Por fim, aproveito também para externar a minha gratidão pela iniciativa, esforço e dedicação dos Irmãos que idealizaram e montaram a estrutura do concurso, incluindo também a disposição dos Irmãos que compuseram a comissão julgadora, em ler, analisar e conferir pontos aos textos enviados, aceitando o convite, assumindo esse compromisso com o GOB-SP e encarando de frente essa enorme responsabilidade.

Minha GRATIDÃO sincera a todos.

Gerson Magdaleno

*Grão-Mestre do Grande Oriente do  
Brasil de São Paulo – GOB-SP*

*Agosto de 2022*

# INTRODUÇÃO

A ideia de criar um Concurso Literário no GOB-SP surgiu durante a pandemia da COVID-19, com o objetivo principal de levar ao conhecimento dos Irmãos, relatos de outrora e “causos” que se contam aqui e ali, com o acréscimo ou não de um ponto, sempre que dois ou mais Irmãos se reúnem.

Todos nós, independentemente do tempo de Ordem, temos uma história pitoresca a contar, sejam elas reais, inventadas ou reinventadas. Muitas dessas histórias acabam rompendo as gerações, guardadas na memória deste ou daquele Irmão, passam de um para outro que, por vezes as contam, como se tivessem vivido aquele momento.

E por que não as eternizar?

Foi justamente esta a proposta do 1º Concurso Literário do Grande Oriente do Brasil de São Paulo: levar ao conhecimento de todos, as mais pitorescas histórias da Maçonaria.

O concurso teve participações de peso e qualidade, e mesmo tendo recebido algumas submissões fora do escopo deste concurso, optamos por inclui-las neste livro, como forma de agradecimento aos Irmãos que se dispuseram a participar desta primeira iniciativa.

O Irmão Rafael Souza Silva, Secretário Adjunto de Educação e Cultura do GOB-SP, que auxiliou na elaboração do regulamento e participaria da Comissão Julgadora, nos deixou quando o concurso entrava em uma fase importante, motivo pelo qual o Prêmio concedido aos primeiros colocados recebeu o seu nome, como uma homenagem póstuma.

Rafael viveu uma vida em torno dos textos. Como jornalista, professor universitário e escritor, sempre esteve às voltas com as palavras e tinha um domínio da Língua Portuguesa como poucos. Ao lado do Irmão Tiago Rafael dos Santos Alves, foi autor do Curso de Redação Maçônica, disponível na plataforma

de educação a distância do GOB-SP, denominada de: “EMaD – Educação Maçônica a Distância”.

Para completar o rol de histórias e estórias desta obra, os Irmãos que contribuíram com o planejamento, organização, divulgação ou atuaram na comissão julgadora do concurso literário, foram convidados a incluir um texto de sua lavra e, para encadernar estes contos e crônicas, o Irmão Carlos Augusto Roque desenvolveu a capa, que faz alusão à lenda dos quatro mártires coroados, conhecidos como *Quatuor Coronati*.

Conta a lenda que, sendo cristãos e os melhores artífices de sua época, esses quatro escultores se recusaram a esculpir uma estátua do deus Esculápio, a pedido do Imperador Diocleciano, um dos maiores perseguidores da religião na antiga Roma. Usando de uma licença artística, o Irmão Guto pincelou detalhes dos textos deste livro na gravura original, deixando-a ainda mais lendária.

A Secretaria de Educação e Cultura do GOB-SP tem orgulho de publicar essas histórias, que evidenciam a tradição, a participação, o respeito e o carinho por nossa Sublime Instituição e deseja que tais leituras possam atingir os objetivos propostos neste concurso.

Uma boa leitura a todos!

Cesar Augusto Pascali Rago  
*Secretário de Educação e Cultura do GOB-SP*

Rafael Souza Silva  
*Secretário Adjunto de Educação e Cultura do GOB-SP*

Tiago Rafael dos Santos Alves  
*Idealizador e Curador do 1º Concurso Literário do GOB-SP*

Agosto de 2022

# WHATSAPP, O FRANKENSTEIN

*Marcelo Chaim Chohfi<sup>1</sup>*

*Vencedor do Prêmio “Rafael Souza Silva” de melhor Crônica*

Em tempos remotos, antes dos telefones celulares e do WhatsApp, quando as linhas fixas valiam muito dinheiro, a comunicação entre os Irmãos era bem mais difícil. Qualquer comunicado de interesse da Loja, que demandasse urgência, passava por uma ginástica logística, com ligações organizadas em cadeia (para telefones fixos). Algo assim: o Venerável ligava para os Vigilantes, estes ligavam para outros Irmãos já definidos, que por sua vez também tinham a incumbência de contatarem outros tantos, e assim sucessivamente, até atingirem a ciência de todos do quadro daquela Oficina.

A estratégia de divulgação era, sem dúvida, bem bolada. Ocorre que, na prática, a teoria era outra. Basta imaginar o nó causado pela quebra de um dos elos desta corrente de informação. Era o suficiente para fazer o caldo desandar em progressão geométrica. E, mesmo se ninguém furasse, tinha o efeito “telefone sem fio”, que deteriorava o conteúdo do “recado” original, a cada bloco de ligações de passa e repassa. Era, numa dessas, que a “abóbada celeste”, virava “a boba da Celeste”.

Mas a vida seguia feliz, geralmente, com protagonismo do contato pessoal, do papo olho no olho (que hoje chamam, na gíria da molecada, de “papo reto”), normalmente temperado pelo abraço fraterno e pelo cuidado no trato e nas palavras dirigidas ao Irmão.

Vieram, em sequência, o celular e a internet, que foram um bálsamo para facilitar o acesso às informações e para otimizar a qualidade e a rapidez das comunicações. O WhatsApp virou febre em todos os meios sociais e profissionais. Hoje, se o sujeito resolver confessar que não tem, ou que não usa o referido

---

1 Marcelo Chaim Chohfi é Mestre Maçon e membro ativo da Loja Maçônica Constância, nº. 1147, ao Oriente de Campinas – SP – GOB-SP.

aplicativo, será tachado de esquisito, retrógrado, caduco, ou, quem sabe, de um dos últimos caturras.

As Lojas entraram na onda e criaram seus grupos de WhatsApp. No início, um grupo só, para tudo que é assunto e, também, todos os públicos. Ali rolavam comunicados oficiais, parabenizações de aniversários (infundáveis e repetitivas, diga-se de passagem), piadelas de todas as ordens, além dos polêmicos memes políticos, dentre outros conteúdos provocativos e caciosos.

A alegria da comunicação rápida durou pouco. Trouxe, a reboque, a discórdia e o discurso de ódio, mesmo entre os Maçons. Realmente não é fácil compreender – e, muito menos explicar – tal fenômeno, entre nós. Mas, de fato, os Irmãos ofendiam escancaradamente seus Irmãos e, para piorar, juravam de pés juntos que tudo aquilo era só “liberdade de expressão e opinião”. Quem pedia bom senso e moderação era logo acusado de ser algoz e executor da tão reprovável censura. Alguns Irmãos mais polêmicos, talvez pelos dedos frouxos no miniteclado do celular, eram useiros e vezeiros em disseminar sementes de confusão, que germinavam rapidamente em forma de bate-boca e, de maneira não rara, na saída de uma penca de Irmãos do grupo.

A Diretoria, em resposta, reuniu-se para tentar apagar o incêndio e adotar deliberações emergenciais. Criou-se, então, um grupo oficial da Loja, onde as publicações estariam restritas a assuntos maçônicos e de interesse dos Irmãos. O grupo antigo foi desvinculado dos propósitos institucionais da Loja e continuou como um “bate-papo entre os Irmãos”, ou uma espécie de “liberou geral”, ficando quem quisesse e publicando o que quisesse, sob a responsabilidade de cada doido, na medida de sua mania. Um terceiro grupo também foi criado, para divulgação de assuntos culturais ligados à Maçonaria, filosofia, simbologia e outros que tais de instrução da alma.

Foi um alento, mas, infelizmente, apenas até a página dois. Os polêmicos de sempre, fingindo-se de desavisados ou descuidados, vira e mexe publicavam as mesmas coisas de antes, nos grupos errados e, apenas depois de armado o banzé, pediam desculpas com a maior cara lavada, sem ao menos enrubescerem o semblante. Comentavam, à boca miúda, que esse negócio de colocar limites nos grupos de WhatsApp era pura frescura,

coisa de quem não aguentava discussão. Enfim, era uma tática orquestrada (consciente ou inconscientemente, não importa) para lançar as investidas da Diretoria ao descrédito. Novamente vários Irmãos, preocupados com a quebra da harmonia entre os obreiros da Loja, foram ter com o Venerável Mestre.

Reuniões e mais reuniões foram feitas, envolvendo o Venerável Mestre, a Diretoria, o Conselho de Mestres Instalados e, também, os Irmãos interessados na solução da polêmica armada (para dizer bem a verdade, participaram apenas os “incomodados”, pois os “polêmicos” apenas marcaram ponto no quesito absenteísmo).

Após vários debates, saiu uma proposta audaciosa: um pequeno simpósio sobre o tema “limites na comunicação dos grupos de WhatsApp Maçônicos”. As regras eram bem simples: os interessados fariam trabalhos objetivos e fundamentados, com apresentação de uma proposta sobre o tema. Estas seriam apresentadas, debatidas e deliberadas numa assembleia de Irmãos, designada para este fim específico. Ao final, todos votariam e aprovariam (ou não) os “enunciados” propostos. Afinal, se no âmbito dos tribunais judiciais profanos são editadas súmulas, orientações jurisprudenciais, instruções normativas, dentre outros verbetes, resolveram, no âmbito daquela Loja Maçônica, aprovar “orientações reflexivas”, não vinculantes da ação de cada Irmão, mas com alto poder de influência no crescimento instrutivo e no uso racional do livre arbítrio de cada um.

Poucos se dedicaram à pesquisa e apresentação de trabalhos. No entanto, os obreiros, quase sem exceção, compareceram em peso para as apresentações e debates.

O primeiro Irmão apresentou seus fundamentos. Ponderou que o “polêmico contumaz”, em vez de usar a tão falada liberdade de expressão e opinião, está a exercitar, como regra, a vaidade e a arrogância. Uma de suas características é a agressividade e a tentativa de imposição de seus paradigmas (que mais se assemelham a “paradogmas”). Assim, lembrando que a vida também tem sua linguagem simbólica, propôs que todos os Irmãos fizessem, do problema vivenciado no grupo de WhatsApp, um aprendizado pessoal, de combate a tais vícios. Propôs, então, seu enunciado: *“Em cada manifestação no grupo*

*de WhatsApp, os Irmãos deverão, antes, submetê-la às três peneiras atribuídas a Sócrates, questionando: Tem certeza de que o que queres dizer é verdade? O que queres contar é um ato de bondade? Terá utilidade para os demais a informação que queres divulgar? Diante da resposta negativa, em quaisquer destas perguntas, a publicação não deve ser ultimada”.*

O segundo Irmão lembrou do aparente sentimento de invisibilidade que os meios de comunicação em rede trazem aos usuários. Muitos escrevem aquilo que não teriam coragem de falar pessoalmente. O contato remoto, por simples digitação em aparelhos celulares, gera um efeito entorpecente nas pessoas. É como se tivessem achado o famoso anel de Giges de Platão (A República), com poderes de invisibilidade, que fariam despertar, em quem o usasse, a vontade irresistível de praticar vícios e delitos dos mais reprováveis, pela simples convicção do anonimato. Seu enunciado, então, foi proposto de forma bem simples e objetiva: *“Cada Irmão, antes de providenciar qualquer manifestação nos grupos de WhatsApp, deverá despir-se do anel de Giges e, repetindo para si, que sabe que não está acobertado por invisibilidade ou anonimato, se colocará a refletir, mais uma vez, se mesmo assim deseja concretizar a publicação.”*

O terceiro Irmão lembrou que não se pode culpar a pedra pela vidraça quebrada. A internet não deu voz aos intolerantes, mas apenas os revelou. Uma publicação de cunho discriminatório, de intolerância à diversidade, ou de apologia (ainda que velada) à violência, via de regra, não traz mentiras, mas apenas evidencia a verdade do lamentável pensamento daquele Irmão. A justificativa da (própria) consciência dos que assim agem, normalmente, é a de colocar a culpa da polêmica nos outros (uma espécie de terceirização cômoda das responsabilidades pessoais). Frases como “o mundo está ficando chato”, ou “lá vem a censura”, são exemplos desta ausência de reflexão sobre si e, principalmente, sobre suas próprias atitudes. Parece que, na verdade, o mundo não está ficando chato, mas apenas está dando voz de resistência e solidariedade, pela primeira vez, aos que eram discriminados, ofendidos e que sempre apanharam e sofreram calados. Sua proposta de enunciado, com tal viés, foi assim lida: *“Em qualquer manifestação crítica ou polarizada, coloque-se no lugar de algum Irmão que pense em sentido contrário e imagine se ele se sentiria*

*ofendido. Imagine, também, se você próprio gostaria que um Irmão divulgasse, nos mesmos termos, tom e intensidade, uma crítica direta à sua posição ideológica. Enfim, exercite, antes de qualquer manifestação, a alteridade. Coloque-se no lugar do outro.”*

Um quarto e último Irmão, apontou que, na sua visão, o principal problema não estava na exposição das ideias e das ideologias contrárias. Isso faz parte de uma democracia e da diversidade que vivenciamos na sociedade e na Maçonaria. O busílis está na forma de comunicação, que via de regra é agressiva, avessa ao diálogo, recheada de adjetivos e juízos subjetivos ou condenatórios (grande parte das vezes, nada simpáticos, ou até em forma de xingamentos ou de dispensável ironia). Sugeriu a todos os Irmãos que lessem o famoso livro intitulado “Comunicação não violenta”, de autoria de Marshall B. Rosenberg, pois a aplicação de seu método traria resultados louváveis para a manutenção da fraternidade e do diálogo sadio entre os Irmãos, nos grupos de WhatsApp Maçônicos. E, então, com base nas premissas essenciais da referida obra, divulgou sua proposta de Enunciado: *“Em todas as manifestações, principalmente nos grupos de WhatsApp, os Irmãos devem aplicar as premissas da comunicação não violenta, observando as seguintes etapas: observação, sentimentos, necessidades e pedidos. Para melhor elucidá-las, nas manifestações sobre quaisquer fatos, devemos descrevê-los sem julgamentos ou qualificações subjetivas. Depois é oportuno que expressemos, cordialmente, como nos sentimos, diante do que observamos. Em seguida, divulgamos nossas necessidades e desejos em relação ao que é discutido. Por fim, estaremos autorizados a pedir ações concretas que possam nos enriquecer e ajudar a todos naquela discussão.”*

Sem mais apresentações, seguiram-se os debates. Muitos foram os elogios e poucas as críticas. Os avessos a qualquer moralização dos grupos de WhatsApp ficaram inibidos, provavelmente por não terem apresentado suas ideias e, tampouco, terem se disponibilizado ao estudo do tema. Para outros, esse tipo de discussão (fundamentada, organizada e, dando a cara a tapa) não caiu no gosto dos que estavam mais acostumados aos arrazoados agressivos, digitados à distância, longe do calor humano e da experimentação das reações adversas dos demais interlocutores. No tal do balãozinho de pensamento de alguns dos presentes

(não externado, por óbvio), lia-se o sentimento de que alguns Irmãos, durante as exposições, vestiram as carapuças, que se incorporaram discreta (e imprópriamente) aos paramentos Maçônicos que vestiam durante a sessão.

Mas, deixemos de lado tudo isso. Vamos ao que interessa. Como foi a votação? Unânime? Houve aprovação com divergências? Ou reprovação por maioria?

Eis que foi essa a sacada de mestre da proposta daquela noite. Não houve votação. O Venerável Mestre agradeceu aos Irmãos que se dispuseram a estudar, apresentar enunciados e, também, a discutir sobre um tema tão espinhoso como esse. Afirmou que o intuito, principalmente em nosso meio Maçônico, não era de impor limites aos Irmãos, mas sim de provocar, em cada um, a reflexão sobre o próprio agir, de modo a, mais uma vez, crescer espiritualmente, evoluir em fraternidade, além de, sem dúvida, praticar o que tanto pregamos nas premissas principiológicas e na filosofia de nossa Ordem.

E, então, finalizou sua fala fazendo um paralelo entre o WhatsApp e a famosa história do Frankenstein, retratada no livro de Mary Shelley. Nesta obra, Victor Frankenstein, estudante de ciências naturais, constrói um ser humano gigantesco, a partir de cadáveres, usando a energia de um raio para lhe dar vida. Sua criação é abandonada e, tempos depois, passa a cometer assassinatos, inclusive o do Irmão do próprio Victor. Sem se alongar no enredo clássico e, furtando-se de dar *spoiler* em relação ao fim trágico da trama, o Venerável Mestre sintetizou que, tal como Frankenstein, o WhatsApp estava em vias de se tornar, entre nós, a criatura que, fugindo a qualquer controle dos criadores, volta-se contra eles (os homens), causando prejuízos irreparáveis.

Arrematou aconselhando que todos os Irmãos usassem os enunciados apresentados como reflexão e, quiçá, como um *checklist* de suas condutas e publicações em redes sociais. Rogou a proteção do Grande Arquiteto do Universo, para que as invenções humanas da era moderna, que são inegavelmente úteis, não se tornem, por nossa única e exclusiva culpa, o Frankenstein que nos conta a história.

Agora, por unanimidade, todos clamaram, juntos e espontaneamente, um sonoro: Que assim seja!

Bom sinal, não é?



# VIAGEM AO TEMPO

*Bruno Mendonça Agostinho*<sup>2</sup>

O ano era 2015. Eu, um jovem aprendiz, com apenas cinco meses de Iniciação e uma ansiedade enorme pela sessão que estava por vir na noite daquela terça-feira, 17 de novembro.

E você deve se perguntar: Por que ansioso? A resposta é simples. Naquela noite, a Loja Inteligência, a mais antiga oficina do Estado de São Paulo receberia a visita do Grão-Mestre Geral em exercício do Grande Oriente do Brasil, o Sapiientíssimo Irmão Barbosa Nunes para a realização de uma palestra.

Seria o meu primeiro contato em uma sessão com uma autoridade maçônica do Grande Oriente do Brasil. Jovem aprendiz, galgando os primeiros passos na arte real, me perguntava durante toda a tarde como seria estar ao lado de valorosos irmãos e como poderia absorver o máximo da experiência que estaria ainda por vir.

Muito pensativo, olhei pela janela do meu trabalho, localizado na região central da cidade, e comecei a observar a movimentação do céu. Percebi que os ventos traziam algumas nuvens escuras. Um sinal claro da natureza de que poderíamos ter chuva ao final do dia.

A tarde foi caindo. Deixei o trabalho e segui para minha casa. Na mesma velocidade que a hora passava, os primeiros pingos de chuva começaram a cair do céu.

Já em minha casa, mesmo com chuva intensa, separei meus paramentos, peguei a minha bolsa e segui para a Loja. Ao chegar no templo, o clima era de imensa alegria. Assim como eu, diversos irmãos aguardavam ansiosos pela palestra daquela noite. Cunhadas e demais visitantes conversavam enquanto eram aguardadas as presenças ilustres. Segui em direção a sala dos passos perdidos para, junto de outros irmãos, aguardar a chegada da comitiva do Grande Oriente do Brasil.

---

<sup>2</sup> Bruno Mendonça Agostinho é Mestre Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Inteligência, nº. 14, ao Oriente de Porto Feliz – SP – GOB-SP.

Nesse momento, a chuva aumentou a sua intensidade e de repente a energia elétrica foi interrompida. A forte chuva que caía sobre Porto Feliz deixou o bairro onde a Loja está localizada, às escuras.

Foi neste momento que notei uma certa tensão por parte dos demais irmãos, afinal de contas aquela noite era uma noite diferente, com mais um capítulo da Loja Inteligência sendo escrito. Estávamos prestes a receber em nossa oficina uma comitiva do Grande Oriente do Brasil. A pergunta naquele momento era uma só: Como faríamos sem a energia elétrica no local? A movimentação continuava. Um Irmão foi para fora do templo, olhar para os fios elétricos do poste, apenas para observar pois nada poderia fazer. Outro irmão pegou o celular e tentou, sem sucesso, ligar para a companhia de energia elétrica.

Às escuras, a comitiva do Grande Oriente do Brasil chegou em nossa Loja. A mobilização a partir daquele momento foi para recepcioná-los, mesmo que sem energia elétrica, da melhor forma possível. E foi o que aconteceu, o entusiasmo dos membros do quadro da Loja foi o suficiente para que a recepção fosse calorosa. A falta de luz elétrica não impediu a troca de abraços fraternos e os cumprimentos. Até registros fotográficos, com auxílio dos flashes dos celulares, foram feitos.

A comitiva foi comunicada que a energia havia sido interrompida já há algum tempo. Mais alguns minutos foram aguardados até que foi feita uma sugestão que deu um tom totalmente diferente para aquela noite: A realização da sessão sob luz de velas.

Essa decisão transformou aquela noite especial em uma noite mágica, histórica, emblemática. A entrada no templo, com as velas acesas nos permitiu realizar uma verdadeira volta ao passado. Uma viagem no tempo, que nos remeteu aos tempos de fundação da Loja Inteligência, comprovadamente a primeira Loja Maçônica da província de São Paulo, fundada na Vila de Porto Feliz, em 19 de agosto de 1831.

Na época, não existia luz elétrica em Porto Feliz. O irmão, pesquisador, historiador e membro do quadro da Loja Inteligência, Reinaldo Crocco Junior, afirma em seus estudos e obras literárias que tanto a reunião de fundação quanto outras

reuniões da Inteligência certamente aconteceram sob a luz de pavios acesos em lamparinas de azeite, já que a energia elétrica chegou a Porto Feliz apenas em 1912.

Como se não bastasse toda aquela emoção, proporcionada pelo clima criado no ambiente com as velas acesas, mais um fato ocorreu ligando ainda mais aquele momento ao passado da Loja Inteligência: Para surpresa de quem estava presente, a comitiva do Grande Oriente do Brasil, durante a sessão, entregou à Loja Inteligência o título de “Grande Estrela da Distinção Maçônica”, pelos relevantes serviços prestados pela instituição e em homenagem, à época, aos 184 anos de Fundação.

Neste momento não consegui segurar as lágrimas. A emoção tomou conta de mim. Agradei ao Grande Arquiteto do Universo por estar presente naquele momento ímpar e por fazer parte do quadro de obreiros desta oficina, reconhecida como a célula-mãe da Maçonaria Paulista e que a partir daquele momento possuía o título de “Grande Estrela da Distinção Maçônica”.

Aquela terça-feira, 17 de novembro de 2015, me mostrou que não existem coincidências. Que tudo que acontece em nossas vidas têm um motivo, um significado. Mostrou-me que o aprendizado é contínuo e que, muitas vezes, são nas situações mais adversas que encontramos soluções simples, mas que podem ser transformadoras.



# O DIA DO TELHAMENTO

*Genivaldo Antonio Gasparini*<sup>3</sup>

Para que possam entender essa narrativa, importante elucidar alguns dados geográficos e históricos para esclarecimento desse episódio: Paulínia, nossa cidade, localiza-se no estado de São Paulo, próximo à cidade de Campinas e, entre as referidas cidades, existe um bairro denominado Betel.

Paulínia é a cidade onde está instalada a maior Refinaria da Petrobrás no Brasil, e a queima em chaminé dos gases do processo de refino do Petróleo trouxeram-lhe a alcunha de “A cidade da Chama Eterna”. Mas a alusão à chama eterna apenas nos permite focar a luz para entendimento do episódio em questão...

Corria o ano de 1998. Nossa Loja possuía naquele tempo, vários irmãos Aprendizes e o questionário de Telhamento constante no Ritual era exigido como instrução e treinamento. O Irmão tinha que saber de cor as perguntas e respostas, sem a consulta nervosa no instante da perquirição.

O Venerável propôs então efetuar o treinamento num determinado dia de sessão, de surpresa, já de antemão garantindo ser obrigação do Aprendiz saber o questionário decorado. Ainda foi objetivado, em última instância, que os aprendizes fossem avisados para o necessário reforço no estudo e até permitir uma consulta no Ritual na hora do exame, lembrando que era a primeira vez que a Instrução (o Telhamento) seria feito e o nervosismo, com certeza, era esperado aos inquiridos.

Nada demoveu a decisão tomada. O dia foi marcado.

George... George era um Irmão de descendência alemã. Altivo em seus dois metros de altura e esparramados em outros 120 quilos de experiência, de muitos anos de trabalho na indústria mecânica. Cabelos grisalhos e um vasto bigode passavam aquela

---

<sup>3</sup> Genivaldo Antonio Gasparini é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica União e Trabalho VI, nº. 2454, ao Oriente de Paulínia - SP - GOB-SP.

imagem austera, para quem não o conhecia até amedrontadora, mas de uma generosidade e simpatia sem limites.

Pois George foi o primeiro aprendiz designado para o exame. Então, após o início da sessão, na Ordem do Dia, eis que a fatídica ordem é dada ao irmão Mestre de Cerimônias: que fosse colocado temporariamente fora do Templo o que seria examinado. A surpresa e interrogação que percebemos em seus olhos surpresos, de certa forma antecipavam o desfecho do momento.

Chamado com formalidade, primeira vez, passos inseguros, mas corretos, completaram o trecho que pareciam ao querido aprendiz uma maratona vencida na Avenida Paulista. A primeira pergunta respondeu aos poucos, mas venceu, agora se assemelhando a uma corrida de obstáculos. O Padrinho feliz exultava com o desempenho do pupilo.

— De onde vindes?

A voz ressonante do Venerável Mestre percorreu do Oriente ao Ocidente, pegando desprevenido nosso George.... O vasto bigode retorceu. Seu cenho franziu-se. Dizem os irmãos que estavam localizados mais próximos à porta de entrada do Templo que o gigante perfilado num átimo de segundo teria estremecido. Mas a resposta era aguardada. Olhos do Norte, do Sul, Ocidente e Oriente fixavam-no... não lembrava! Mas tinha que responder para sair do momento de aperto.

— Qual foi a pergunta? Mais uma tentativa desesperada de ganhar tempo...

— De onde vindes? — redarguiu o inflexível Venerável!

— De Betel.

A resposta, em que pese ser correta no sentido de domicílio do George, não preenchia o esperado. Como diriam, foi o que se pode arranjar. Percorreu o espaço num misto de surpresa. Risos contidos. O Venerável então lembrou do conselho anterior e permitiu ao aprendiz uma rápida consulta ao Ritual finalizando o treinamento.

Betel... até hoje é lembrado em conversas nos momentos alegres do copo d'água e os fatos são contados com os detalhes que o tempo não deixa esquecer.

# BONS EXEMPLOS EDIFICAM

*Maurício Cordeiro<sup>4</sup>*

Ene de Neófito, recém-iniciado na Secular Ordem Maçônica, ainda no primeiro mês de sua admissão depara-se com a informação bombástica divulgada pelo site de notícias iG1 do dia 23 de março do 2022, acerca da expulsão de um membro de Loja Maçônica do Oriente de Cuiabá, Estado do Mato Grosso, porquanto alvo de uma investigação (profana) por suspeita de golpes financeiros milionários praticados contra irmãos da Loja.

Justificou, o Venerável Grão-Mestre, que a decisão levou em conta o fato de que o sujeito teria se aproveitado da confiança de algumas pessoas da irmandade, associando sua conduta à imagem da instituição. Complementou dizendo que a instituição não admite condutas que ferem os princípios da irmandade.

A notícia em tela revela, de um lado, uma decisão prática, objetiva, realista, célere, enfim, uma resposta pragmática da Ordem Maçônica digna de apreço; de outro, apenas o início das investigações no mundo profano, ou seja, o desenrolar de uma primeira etapa da perseguição penal que, afogada em exagerados garantismos legais, acaba por beneficiar tão-somente o infrator.

Eis, então, a inevitável reflexão do neófito de cabelos brancos: Justiça tardia é justiça falha e, o que é pior, contamina!

Pessoas que, em razão de seus perniciosos comportamentos, atitudes, palavras e hábitos não apenas estragam, mas, sobretudo, contaminam seus pares, levando-os potencialmente a agirem da mesma forma, sobremaneira os moral e espiritualmente mais fragilizados. Nesse sentido, não é demais lembrar o famigerado dito popular “uma laranja podre compromete todo o cesto”.

Com suas inquietações, busca pelo conhecimento e sede por um mundo melhor, as comparações para Ene surgem de forma automática. No mundo profano, as coisas realmente não andam bem, ao menos para os que trilham o caminho reto e da

---

<sup>4</sup> Maurício Cordeiro é Aprendiz Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Luiz Alves de Lima e Silva, nº. 3215, ao Oriente de São Paulo – SP – GOB-SP.

verdadeira justiça, sentencia o neófito. Isso porque o expulso, então mero investigado, poderá com base em interpretações pretorianas, frisa-se, controvertidas, a respeito do real sentido e exato alcance do princípio jurídico da presunção de inocência, bem como se utilizando de todo o aparato recursal, eternizar sua defesa nos tribunais profanos por longos anos, caso formalmente acusado o for e, o que pior, mantendo o convívio com seus pares.

Sua conduta, aos olhos vendados, não encerraria violência propriamente dita, tampouco grave ameaça ao lesado ou aos demais membros da sociedade. A fruta continua no cesto, arrematou o Iniciado Ene de Neófito.

Ao contrário, no entanto, é o destino daqueles que violam as normas postas, os costumes e os princípios da Ordem Secular. Com efeito, a matéria jornalística mostrou que a Maçonaria - vetusta sem dúvida, mas sempre atual e progressista - prontamente respondeu de forma célere e sem titubear aos ataques que lhe foram infligidos, expulsando assim o membro desviante.

Nessa toada, destacam-se as palavras do Venerável Irmão mencionado na notícia: “Enquanto instituição essencialmente filosófica e progressista, não admitimos nenhum ato contrário às leis e ações que possam lesar, de qualquer forma, seus membros, suas famílias e cidadãos do bem”, daí o porquê da expulsão.

Se a conduta desviante e o seu protagonista foram ou não submetidos à apreciação do Tribunal Maçônico, o aprendiz Ene não tem conhecimento, até porque trata-se de matéria *interna corporis* da instituição; mas, sem dúvida: Eficiência, determinismo e pulso firme não faltaram!

A propósito, não sem razão que a Maçonaria percorre o caminho do aperfeiçoamento moral, espiritual, intelectual e social do indivíduo em prol da humanidade, assim o fazendo através dos estudos, da investigação da verdade e da convivência fraterna de seus membros. Proclama a prevalência do espírito sobre a matéria e seus fins cardeais correspondem aos ideais do movimento iluminista que culminaram na Revolução Francesa de 1789, a saber: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Assim, diante do bom exemplo dado, o aprendiz Ene de Neófito prossegue em paz, confiante e mais fortalecido em

sua senda Maçônica ao lado de bons frutos e com seu avental branco, símbolo da pureza e da inocência. As inquietações então se aplacam e a reflexão ganha corpo de verdadeiro encômio; que não é gratuito, nem passageiro, mas exprime os sinceros sentimentos que alimentam àquele, cujos irmãos o tratam como Maçom, na edificação de seu Templo interior e em benefício da coletividade.



## BODES E CABRAS

*Luiz Carlos Pêgas<sup>5</sup>*

Essas estórias de bode na Maçonaria são corriqueiras, mas já vou avisando que estes não serão incluídos nesta crônica, mas sim as cabras, sim cabra, a mulher do bode.

A ocorrência foi em uma Iniciação: um grupo de irmãos desses que se esforçam para dar autenticidade ao trote, me levaram devidamente vendido naquele trajeto de destino incerto, quando os neófitos são conduzidos para que não pressintam desde logo a direção ao Templo.

Pois bem, não é que tendo eles notícias da existência de um rebanho de ovídeos, de uns conhecidos da zona rural, coisa que vim a saber ao final da estória, para lá se dirigiram na fiúza de me assustarem com a ocorrência de um eventual berro de um bode qualquer. Obviamente privado da visão, percebi estar distante dos ruídos urbanos, mas escutei num determinado momento quando o carro parou, uma ordem inopinada dita a um deles:

— Abra a porteira!

Meu Deus, o cabril todo de pronto transpôs desembastados a cancela aberta, me contaram ser mais de 200 cabras. E agora? Como recolher esse mundaréu de cabritas, o que justificar ao dono delas?

— Melhor buscar uns Aprendizes para ajudar — disse um,

— Tragam o cajado — brincou outro,

— Liguem para o Irmão Pedroca, ele tem um cão de pastoreio — disse o terceiro

A verdade é que perderam o controle e o deslocamento do rebanho morro acima ainda mais apavorava os irmãos, que não sabiam mais o que fazer. A agitação e o ladrar dos cães do lugar, quebraram a quietude do ambiente e logo apareceu o dono das cabras e outros a recolher, na medida do possível, os animais.

---

<sup>5</sup> Luiz Carlos Pêgas é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Aula Palatina, nº. 3484, ao Oriente de São José dos Campos – SP – GOB-SP.

As desculpas não foram suficientes, ainda mais com a observação do proprietário sobre aquele preguiçoso que ficou no carro dormindo com uma máscara para não ser perturbado. Encurtando a estória, a Sessão Magna só começou lá pelas nove horas e esfriou o ágape, que nem me lembro mais qual foi, seria cabrito assado? Nem quero lembrar!

# A CRIAÇÃO DO R. E. A. A.

*Celso Ricardo de Almeida<sup>6</sup>*

Atualmente existe no mundo mais de duzentos Ritos Maçônicos em uso, entretanto, no Brasil, a maioria das Lojas Maçônicas adota o uso do Rito Escocês Antigo e Aceito, que também é o mais usado pela maioria das potências Maçônicas existentes na América Latina, sendo também, o Rito mais praticado no mundo, nos Graus Superiores.

Mas de onde vem este rito? Como ele foi criado?

O Rito Escocês Antigo e Aceito, também conhecido pelas siglas R. E. A. A., ao contrário do que se possa pensar e até mesmo do que seu nome afirma, não foi criado na Escócia. Sua criação remonta ao ano de 1649, antes mesmo da fundação da Grande Loja de Londres, que foi fundada em 1717, e sua origem se deu em terras francesas, sendo esta, uma das primeiras manifestações Maçônicas em território francês.

A propósito da origem do Rito Escocês Antigo e Aceito, o Irmão e escritor José Castellani, em seu livro “O Rito Escocês Antigo e Aceito” esclarece que: “(...) o escocismo nasceu na França Stuartista, precedendo a fundação da primeira Grande Loja de Londres e remontando o evento ao ano de 1649, após a decapitação do Rei Carlos I, da família dos Stuarts, pelos partidários de Oliver Cromwell (...)”. O Rito é dito “Escocês” em homenagem à origem dos personagens envolvidas em sua criação, já que a partir do final do século XVII, vários Maçons escoceses, fugiram para a França em virtude de uma série de convulsões sociais que aconteceu nas Ilhas britânicas. Já em solo francês, estes escoceses participaram de vários episódios importantes para história, sobretudo para a história Maçônica.

O Irmão e também escritor, Assis Carvalho, em seu livro “A Maçonaria: Usos e Costumes”, faz o seguinte relato sobre a importância histórica da atuação de escoceses na Maçonaria:

---

<sup>6</sup> Celso Ricardo de Almeida é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Casa do Caminho, nº. 302, ao Oriente de Fervedouro – MG – GLMMG.

“(…) grandes nomes da Maçonaria Primitiva, eram escoceses, como por exemplo: John Boswell, iniciado em 8 de junho de 1600, na Loja Capela de Santa Maria (Saint-Mary Chapell) de Edinburgh – Escócia, considerado o primeiro Maçom Especulativo; o Reverendo James Anderson, o primeiro compilador de uma Constituição Maçônica, que até hoje rege os destinos de Maçonaria; e muitos outros. Sem mencionar que a Loja de Kilwinning, chamada de Loja-Mãe do Mundo, foi fundada na Escócia”.

De origem operativa, O REAA deriva do Rito de Heredom e da época da fuga dos Cavaleiros Templários para a Escócia. Está ligado ao Antigo Testamento e à lenda de Hiram (lenda base da Maçonaria simbólica). O Rito uniu particularidades do Rito Antigo Aceito, com a natureza hebraica do Rito de Perfeição. Com sua criação, que foi lenta e sofreu inúmeras alterações, pretendia-se conservar na Maçonaria os ensinamentos filosóficos que, há séculos, se agruparam em torno do pensamento primitivo e simples. Após a criação do REAA e com a fundação da Grande Loja de Londres, apareceram na França dois ramos distintos da Maçonaria, um dependente da Grande Loja de Londres e outro escocês autônomo que não estava ligado a nenhum sistema obediencial, pois viviam sob o antigo preceito Maçônico de que os Maçons tinham o direito de constituir Lojas sem prestar contas de seus atos a uma autoridade ou poder supremo, preceito este chamado de “O Maçom Livre na Loja Livre”.

Deste modo, as Lojas Escocesas eram maioria na França, onde apenas três Lojas, entre as 487 existentes, tinham patente da Grande Loja de Londres.

Em 1758 criou-se, no escocêsismo, os altos graus, que, no entanto, só foi plenamente estabelecido em 31 de maio de 1801 com a fundação do Supremo Conselho de Charleston, na Carolina do Sul, nos Estados Unidos, considerado o primeiro Supremo Conselho do Mundo, do chamado Rito Escocês Antigo e Aceito, que foi o responsável pela divulgação do nome Rito ao mundo Maçônico.

Posteriormente em 4 de dezembro de 1802, uma circular levou ao conhecimento dos Maçons, principalmente europeus, a criação do Supremo Conselho-Mãe, em Charleston, denominado Supremo Conselho dos Soberanos Grandes Inspetores Gerais,

33º e último Grau do Rito Escocês Antigo e Aceito. No entanto, antes de 1801, já havia sido fundado pelo Conde de Grasse-Tilly, um Supremo Conselho nas Índias Ocidentais Francesas, com 33 graus, entretanto, esse Supremo Conselho foi ignorado e abafado pelo Supremo Conselho norte-americano, que conseguiu se fazer constar como o Supremo Conselho-Mãe do Mundo.

Acontece, que nos três primeiros anos de vida do Supremo Conselho norte americano, o Rito Escocês Antigo e Aceito permaneceu sem ritual próprio. Os Altos Graus funcionaram com os Graus de Perfeição do Rito de Heredom, acrescentados oito novos graus que totalizavam os 33. Os novos graus não eram Iniciáticos e ganharam conteúdo mais administrativo que litúrgico. Somente quando foi criado o segundo Supremo Conselho, na França em 1804, que se confeccionou o primeiro ritual dos graus simbólicos do Rito, o “Guide des Maçons Écossais”, que foi idealizado pelos Maçons franceses, apelidados de “escoceses”, que fundaram nesse mesmo ano, 1804, uma nova Obediência Maçônica em Paris, a “Grande Loja Geral Escocesa”, com um modelo ritualístico recebido dos Maçons integrantes da Grande Loja dos “Antigos” de Londres.

A Grande Loja Geral Escocesa de Paris uniu particularidades do Rito Antigo Aceito, de origem operativa, praticado na Escócia, com a natureza hebraica do Rito de Perfeição, e organizou um ritual para os graus ditos simbólicos do Rito Escocês Antigo e Aceito. Com o passar dos anos, e aos poucos, o Rito foi ganhando a adesão de Maçons, que adotavam o R. E. A. A. em suas Lojas, ao ponto de se espalhar por todo o mundo. Hoje, embora existam variações de Obediência para Obediência e de país para país, as linhas mestras da doutrina do Rito Escocês Antigo e Aceito estão sempre presentes e podem servir para os ensinamentos Maçônicos em qualquer parte do mundo, tornando, cada vez mais a Maçonaria, íntima de seus obreiros.



# SALMO 133

*Robson Augusto Boton*<sup>7</sup>

Israel, assim como seu povo, é abençoado por Deus.

Dizem, em histórias populares, que é o povo escolhido, situado entre os montes de Sião, onde destaca-se o monte Hermon, um verdadeiro paraíso. Como Jerusalém está situada na meseta (unidade de relevo mais antiga) central da Palestina, para chegar à Cidade Santa de qualquer parte da Terra é preciso “subir”, o que explica bem a razão da expressão “das subidas”, pelos montes de Sião.

O monte Hermon, por sua vez, destaca-se por sua magnitude, que devido sua altura, há neve em seu cume o tempo todo, e é de lá, que vem o orvalho santo junto com as bênçãos. A neve derretida, forma os rios, dentre eles, o mais famoso: Rio Jordão, que às suas margens estende-se videiras e oliveiras.

Interpretação do verso: “Oh! Quão bom e quão suave é que os irmãos vivam em união!”

A interjeição “Oh” designa admiração e surpresa, além de realçar o espírito do texto ao relatar a “excelência do amor fraternal”.

Quando o Rei Davi menciona o verso, promove o acolhimento aos povos de diversas aldeias que iam aos Templos de Jerusalém para práticas religiosas e, Jerusalém tratava à todos dessa forma, acolhendo quem quer que fosse independente do lugar. Mais do que qualquer outro povo, os judeus davam importância à unidade familiar. Os filhos nunca deixavam a tenda do pai. Quando um rapaz se casava, outra tenda era levantada. Somente as moças deixavam o lar, para se mudar para a tenda de seus maridos. Era o ideal da família, que “os Irmãos habitassem em união”. Assim como os irmãos de sangue, sentiam a necessidade de unirem-se em torno do Templo Familiar. Entende-se que a filosofia maçônica tomou como exemplo essa experiência para

---

<sup>7</sup> Robson Augusto Boton é Mestre Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Rui Barbosa, n.º. 3307, ao Oriente de Tupã – SP – GOB-SP.

ensinar seus membros a estarem sempre juntos como uma única família, constituindo o seu templo espiritual.

Interpretação do verso: “É como o óleo precioso sobre a cabeça, e que desce sobre a barba, a barba de Aarão, e que desce à orla de suas vestes.”

Era marca de distinção entre os judeus os cabelos e a barba compridos. A barba era um sinal de veneração e masculinidade. Se um convidado fosse recebido para jantar, as boas-vindas lhe eram dadas derramando óleo sobre a cabeça. Se alguém era bem-vindo, o óleo era derramado em abundância e corria livremente da cabeça aos pés, passando pela barba, pescoço até o vestuário. O perfume do óleo dava ao ambiente um odor refrescante. Da mesma maneira, queremos em nossas reuniões, um ambiente fraternal um sentimento de prazer entre todos os que estão presentes.

Interpretação do verso: “como o orvalho de Hermon que desce sobre os montes de Sião; porque ali o Senhor ordena a benção e a vida para sempre”

Esta ilustração nos leva (do lado humano da Palestina), para uma (aspecto geográfico). O Monte de Hermon está localizado ao longo da fronteira norte do país, possui aproximadamente 3.000 metros de altitude e seu nome quer dizer: “o que pode ser visto de longe”. Mesmo durante o calor do verão, quando o restante da região está ardendo em virtude do vento seco, a neve que cobre a montanha é visível há quilômetros de distância. A Terra pode estar seca e improdutiva, mas a neve, “o orvalho de Hermon”, permanece brilhante e alva.

Quando são lidos os versículos do Salmo no momento da abertura da sessão, este texto atua em todos os Irmãos presentes, como unificador das mentes em torno do grande objetivo comum, pois neste momento constitui-se uma obra de criação do Grande Arquiteto do Universo. Ao ouvir a leitura de tal Salmo, portanto, espera-se que todos os obreiros na sessão ritualística se compenetrem de que recebem uma mensagem divina, de que o Templo se encontra impregnado de vibrações de Luz, Paz e Amor.

Concluo que, o salmo 133 na abertura dos trabalhos de Aprendiz Maçom inspira e deixa claro que, para o caminho

da fraternidade, precisamos não somente estar unidos, e sim viver essa união.



# O AMARGO QUE FICOU DOCE

*Tiago Rafael dos Santos Alves<sup>8</sup>*

Assim como muitos Irmãos, no dia de minha iniciação vivenciei diversos momentos, que à época eram um tanto quanto estranhos, e por que não dizer confusos. Acredito que muitos Irmãos, assim como eu, pensam da mesma forma. E isso é absolutamente normal, visto que adentramos a um novo cenário, repleto de símbolos e alegorias que não conhecemos.

Pois bem, em uma das Iniciações em minha Oficina, tudo estava preparado: oficiais a postos, harmonia impecável, rituais estudados, paramentos comprados, enfim, tudo estava na mais perfeita ordem.

Naquele dia seriam iniciados três candidatos, cujos nomes preservarei neste relato. Devo ressaltar que um deles estava bem aflito, afinal não sabia o que lhe aguardava. Mas dava para sentir o pavor do mesmo em seu rosto. No entanto, este não seria o primeiro e nem o último a passar por isso.

E assim, iniciamos os trabalhos. Tudo na mais perfeita normalidade. Abertura, entrada do pavilhão, etc. Demos entrada aos candidatos, e por aí a sessão seguia. Até que veio o momento da Taça Sagrada.

Como os irmãos devem saber, este é um momento de muita segurança e agilidade do Venerável Mestre e do Irmão Experto. Pois bem, retiramos dois candidatos e iniciamos com o primeiro. Tudo normal, o retiramos após a bebida amarga. Tudo na mais perfeita normalidade. Do mesmo modo isso também ocorreu com o segundo candidato.

Mas, quando chegou a vez do terceiro, aquele que estava apavorado, tivemos uma grande surpresa. Em meio a uma taça e outra e, por fim, a pergunta feita pelo Venerável Mestre:

---

<sup>8</sup> Tiago Rafael dos Santos Alves é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Estrela de Adamantina, nº. 1340, ao Oriente de Adamantina – SP – GOB-SP. Como idealizador do concurso e membro da Comissão Julgadora, foi especialmente convidado para redigir este texto.

— Vejo que vosso semblante se altera...?

O mais curioso e ao mesmo tempo engraçado, foi a mentira contada pelo candidato:

— Não... Não... Ainda está doce... Não mudei o semblante não!

Naquele instante a Loja como um todo não conseguiu segurar a gargalhada, pois todos nós já havíamos passado por aquele momento, e sabemos que o líquido amargo, é de fato “muito amargo”.

Por um instante, o Venerável Mestre e Irmão Experto não sabiam o que fazer, afinal ninguém nunca havia feito isso. Passados alguns segundos das risadas, todos se recompuseram, e o candidato foi retirado, assim como os demais e sessão tomou o rumo.

Após a sessão, no momento do ágape, os irmãos se reuniram em volta do neófito e tinham apenas uma pergunta:

— Aquela bebida não estava amarga?

Por um instante o neófito parou com a mão em seu queixo e respondeu sem graça:

— Pessoal... Naquele momento eu estava com tanto medo, que eu não sabia se o que eu tinha tomado era doce ou amargo.

# UMA BREVE HISTÓRIA DA MAÇONARIA

*Marcos Roberto Friede<sup>9</sup>*

A História da Maçonaria relata a evolução de uma sociedade que se estruturou de modo discreto e em caráter universal, cujos membros cultivam os princípios da liberdade, democracia, igualdade, fraternidade e aperfeiçoamento intelectual, constituindo-se em uma associação iniciática e filosófica. Reunimo-nos em células autônomas, designadas por oficinas, *ateliers* ou Lojas, “todas iguais em direitos e honras, e independentes entre si.” Uma sociedade discreta, iniciática, não religiosa, porém, cremos em um ser superior.

Trabalhamos no sentido do aprimoramento ético e moral do cidadão. Nossos princípios são a Tolerância, a Filantropia e a Justiça. Nossa principal atribuição é o melhoramento dos homens livres e de bons costumes, através do dedicado estudo científico, histórico, cultural, político, religioso, filosófico e humanitário. Nosso caráter secreto, deve-se as perseguições, intolerância e a falta de liberdade, demonstrada por regimes reinantes por toda história humana.

A Maçonaria primitiva ou “pré-Maçonaria” é o período que abrange todo o conhecimento herdado do passado mais remoto da humanidade até o advento da Maçonaria operativa e posteriormente a passagem para a Maçonaria especulativa, que é exercida atualmente.

Há quem busque nas primeiras civilizações as origens iniciáticas. Outros buscam no ocultismo, na magia e nas credences primitivas a origem do sistema filosófico e doutrinário. Tantas são as controvérsias, que surgiram variadas correntes dentro da Maçonaria. A origem se perde na Idade Média, se considerarmos as suas origens operativas, ou seja, associação

---

<sup>9</sup> Marcos Roberto Friede é Mestre Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Fraternidade Acadêmica Sementes do Amanhã, nº. 4451, ao Oriente de Sumaré – SP – GOB-SP.

de cortadores de pedras, que tinham como ofício a arte da construção de castelos, muralhas, igrejas, templos e catedrais.

Segundo a maioria dos historiadores, uma corporação formada sob a influência da Igreja Católica na Idade Média. Dentro desta linha de raciocínio cronológico, passarei agora a exemplificar o que é o atributo Maçom. Um bom exemplo vem de tempos remotos, na personificação do neto de Adão, filho de Caim com Lebuda. “Enoque” (Gênesis 4: 16-17), que ensinou os homens a talhar a pedra, reunir-se em sociedade e construir seus edifícios. Um dos personagens bíblicos mais peculiares e misteriosos das Escrituras, Enoque é o assunto de muitas tradições judaicas e cristãs. Foi chamado para que fosse o primeiro entre os Maçons na sublime Arte do Demiurgo ser iniciado. Então, pelos canteiros da obra divina, viajou com mestres-arcanjos, servindo-lhes como guia; E os dez céus do universo ele contemplou e adquirindo a magna sabedoria, viu que o mundo era como se fosse um edifício, que embora não tenha chão, parede e teto, nós o construímos como pedreiros de ofício, trabalhando nessa obra um pouco cada dia, seguindo os preceitos do Grande Mestre-Arquiteto, fazemos o que se chama de pura Maçonaria.

Depois uma relação de semelhança entre o modelo de guildas, que foi muito comum durante a Idade Média na Europa Ocidental e o modo como o trabalho era organizado durante o Império Romano. Embora os modelos não fossem idênticos, eram semelhantes, pois uniam profissionais especializados de uma mesma área, garantindo que houvesse educação profissional para as futuras gerações que ingressavam como aprendizes. Para se falar na origem documentada da Maçonaria, foi preciso fazer um giro pelos arraiais do tempo e depois demonstrar que até o ano 1000, o que servia como casa e lar dos homens, eram as construções em madeira e que as profissões que predominavam e sobressaiam eram as de carpinteiro e marceneiro.

Tanto era verdade, que as primitivas organizações, as guildas, eram compostas de homens que praticavam essas duas antigas profissões. Porém, com o advento das construções de pedras e alvenarias, começa a florescer e destacar-se outra profissão, a dos canteiros entalhadores, que começou a acontecer a partir do século XII.

Grandes quantidades de homens seguiam como guerreiros na primeira cruzada, rumo à cidade santa de Jerusalém, que estava nas mãos dos sarracenos. Nas estradas precárias da Europa, grupos de salteadores e bandoleiros cresciam em número e em audácia. As propriedades do começo do 1º século do 2º milênio, eram atacadas por hordas de estrangeiros famintos, daí a necessidade de se erguerem muralhas, fortalezas para proteger os Burgos, seus proprietários, famílias, servos e a população em geral.

Foi também nesta época o surgimento da ordem dos pobres cavaleiros de Cristo, os cavaleiros do Templo de Salomão, uma ordem militar de Cavalaria. Sua organização existiu durante cerca de dois séculos durante a Idade Média (1118-1312), tendo sido fundada no rescaldo da Primeira Cruzada de 1096, com o propósito original de proteger os cristãos que voltaram a fazer a peregrinações a Jerusalém após a sua conquista. Os seus membros, em suas cerimônias de iniciação, faziam votos de pobreza, castidade, devoção, obediência e usavam mantos brancos com a característica cruz vermelha. O seu símbolo passou a ser um cavalo montado por dois cavaleiros que simbolizavam irmandade, parceria e companheirismo e que acabou influenciando a formação de outra ordem, que foi a dos cavaleiros hospitalares, fundada por São João de Esmolero ou de Jerusalém que é um dos padroeiros da Maçonaria até os dias atuais.

A Igreja ao receber reis e a nobreza em suas fileiras, passou a contar também, com uma ajuda financeira muito grande de seus novos fiéis. Então aqueles feios amontoados de madeira sujeito ao fogo, aos raios e outros fenômenos da natureza, começavam a dar lugar às grandes catedrais de pedras. Entre os anos de 1100 a 1300, milhares de igrejas, catedrais, mosteiros, conventos foram erguidos na Europa, e para dar conta de tanto trabalho, uma leva de homens foi se especializando na arte de construir com pedras.

Uma arte antiga, mas pouco divulgada, e essa leva de profissionais da pedra, precisava se organizar, precisavam de um estatuto, precisavam de um espaço só seu. A Maçonaria especulativa então, começou a ser regulamentada e até onde se tem conhecimento com a carta de Bolonha, escrita em 1248.

A carta é mais antiga que o poema Regius (1390) e do que o manuscrito de Cooke (1430), portanto, o mais antigo documento maçônico especulativo conhecido. O documento foi reproduzido integralmente como “In Bologna Arte e Societâ” e é composto por 61 capítulos que descrevem detalhadamente as atividades daquela sociedade de Mestres dos Muros, que doravante, passou a ser formada por uma gama de profissionais de outras áreas e integrantes da alta sociedade. Traz as regras de ingresso na sociedade, sanções, direitos e deveres, as relações sociais entre seus membros, o auxílio mútuo nas dificuldades, a partilha equitativa das tarefas, o comportamento discreto nas assembleias e a manutenção dos segredos ali discutidos. O tempo de aprendizado dos iniciantes, a escolha dos dirigentes e dos cargos com mandatos democraticamente eleitos, das contribuições pecuniárias e dos locais de reuniões entre outros detalhes.

Outros indícios da Maçonaria especulativa, surgem em meados do século XV: Atas da Loja de Edimburgo nº 1 da Escócia, mostram a continuidade ou transformação de uma Loja operativa em 1598 para uma Loja especulativa moderna. Também há registros de quando James Charles Stuarts, James VI, Príncipe regente da Escócia, em 1601 com 35 anos de idade, foi iniciado na Maçonaria escocesa, na Loja Petth and Scone e é o primeiro Chefe de Estado que se tem notícia de iniciado na Maçonaria. Dois anos após sua Iniciação ele assumiu também o trono da Inglaterra e da Irlanda, passando a ser então o Rei “James I” do reino unido.

Depois de assumir o trono do reino unido em 1603, ordenou a produção de uma nova tradução da Bíblia, onde 47 eruditos, divididos em seis grupos espalhados pelo país, prepararam partes do texto, eles também usaram partes da Bíblia de Genebra e da versão católico romana. Essa tradução foi vista como um esforço de Jaime, chefe da Igreja Anglicana para unir o país. O clero alegrou-se em receber das mãos do rei, uma Bíblia “oficialmente escolhida para ser lida nas igrejas. E ela foi amplamente aceita por sua alta qualidade, e seu texto adquiriu uma santidade apropriada e atribuída apenas à voz direta do Grande Arquiteto do Universo, para multidões de cristãos que falavam o inglês.

Os colonizadores que foram para a América e para todas as regiões sob influência dos Britânicos a adotaram e hoje, de acordo com a Biblioteca Britânica: “a versão permanece como o texto da língua inglesa mais amplamente publicado”. Algumas estimativas revelam que mais de um bilhão de exemplares foram impressos no mundo todo, porém, oficialmente, a Maçonaria especulativa foi constituída em 1717, com a formação da Grande Loja de Londres e através da Constituição de James Anderson.

Durante a segunda metade do século XVIII, duas Grandes Lojas rivais compartilhavam a Inglaterra. Uma foi fundada em 1717, e é a ela que devemos as Constituições de James Anderson. A outra foi criada também em Londres em 1751. Essa criação foi apenas o resultado de uma ideologia, porque os fundadores dessa segunda Grande Loja, nunca tinham feito parte da primeira. Eles eram trabalhadores imigrantes, Irlandeses e Escoceses de origens modestas e estavam convencidos de que seu rito era o único autêntico. Tiveram então a capciosa ideia de se autodenominarem Grande Loja dos Antigos e atribuíram à sua antecessora, o apelido de Grande Loja dos Modernos. Percebam aí, uma clara e proposital inversão, que fez com que essas duas Grandes Lojas, digladiassem reciprocamente por mais de 60 anos, devido às diferenças entre os respectivos ideais, ideologias e rituais. E isso não só no Reino Unido, mas também nas colônias e nos Estados Unidos da América, que se emancipou em 1776.

Note-se que as Grandes Lojas da Irlanda, da Escócia, das colônias e do Estados Unidos, tinham relações apenas com a Grande Loja dos Antigos, a qual eles estavam de acordo para afirmar que os Modernos não respeitavam os Landmarks. As duas Grandes Lojas rivais então decidiram se unir e fundaram a atual Grande Loja Unida da Inglaterra.

O Ato de União foi assinado em Londres no dia 25 de novembro 1813 e ratificado com muitos festejos em 27 dezembro. Esse Ato decreta em seu artigo II: a pura Maçonaria antiga, que consiste em três Graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre. Por toda a história humana sempre houve homens portadores da centelha divina maçônica e alguns exemplos disso poderemos ver em Paris, a cidade-luz, onde quase toda a arquitetura de igrejas, museus e monumentos tem forte influência. Isso podemos

ver inclusive no símbolo maior da cidade: A Torre Eiffel, que é considerada a sétima maravilha do mundo e foi projetada por um Maçom.

A sua edificação em 1889 germinou no seio da Loja Alçasse-Lorraine. Símbolo da capital francesa, foi projetada por Frédéric August Bartholdi e Gustave Eiffel, obreiro da arte real que empresta seu nome a obra.

Washington a capital norte-americana, tem este nome em homenagem ao Maçom Gal. George Washington, líder da independência, e a cidade, foi quase toda concebida e construída com a geometria e características maçônica. Também nos Estados Unidos da América a Estátua da Liberdade foi construída por um Maçom: Frederic August Bartholdi, e sua inauguração foi em uma cerimônia maçônica com vasta simbologia, como a tocha, o livro e o diadema de sete espigões em torno da cabeça, inspirada na Deusa Sophia e tem como nome oficial “A Liberdade Iluminando o Mundo”. Funcionaria como um farol e deveria ser o símbolo do progresso Iluminista de Locke, Hobbes e Montesquieu, na edificação da nova sociedade do país, pois durante toda a história humana, sempre houve oportunistas políticos e religiosos que, valendo-se da ignorância e do fanatismo, impuseram arbitrariedades para obter benefícios próprios.

A Maçonaria sempre esteve como única fonte de defesa destas atitudes, lutando por justiça, igualdade e fraternidade entre os homens. E é por isso que muitos de nós perderam até a própria vida, lutando em defesa destes princípios, é também por isso que somos alvos de calúnias, infâmias e ataques desproporcionais, justamente deste fanáticos religiosos e oportunistas políticos.

A Maçonaria tem a mais complexa união fraternal já promovida pela espécie humana, nós Maçons, acreditamos na união universal dos homens, de suas crenças, costumes e tradições, que configuram as bases para formação dos homens livres e de bons costumes.

Temos a filosofia de não nos deixarmos influenciar por credices fanáticas ou mitologias insanas, pois acreditamos na verdade, nas ciências e no Grande Arquiteto do Universo,

que também é conhecido como Deus, Ala, Jeová, Jesse, Javé, Kadosch entre tantos outros pseudônimos.

E é por todos estes fatos científicos e históricos, que temos como maior expoente, o estudo a investigação e o conhecimento das verdades. Ou seja, para que possamos entender o que é a Maçonaria precisamos entender que nossa existência não se resume apenas as conquistas materiais, mas principalmente as nossas conquistas mentais e espirituais. Temos de entender que não devemos agir com ignorância, intolerância e falta de amor, julgando, pois se assim o for, um dia por estes mesmos conceitos, seremos tratados e julgados. Ser Maçom é uma predestinação que vem de berço, já nascemos assim, porém, com o passar do tempo e com os resultados de nossas boas ações, conduta e relações, somos pinçados, arrebanhados e iniciados na ordem, para o aperfeiçoamento que nos transforma de pedra bruta, cheios de arestas, lascas e deformidades, em uma desbastada e lapidada joia rara.

Nossa crença no Grande Arquiteto do Universo pode ser encontrada na Bíblia desde a sua elaboração em 325, no Concílio de Niceia e em outras escrituras sagradas há milênios. O teólogo cristão Tomás de Aquino, sustenta a existência como a primeira causa, respeitando toda a sua pluralidade como ponto indiscutível, para que se possa ser Iniciado na Maçonaria regular. Uma realidade filosófica, mas não um ponto doutrinal e com esta abordagem, podemos congregiar irmãos de diversas crenças, raças e ideologias, sem invadir ou questionar seus conteúdos ao nos reunirmos. Isso é uma metáfora, aludindo à potencialidade divina de cada indivíduo. Ser um obreiro da arte real, se traduz em bem mais do que um homem sábio, dedicado, estudioso, fiel, solidário, ético e moral.

A condição Maçônica também nos remete ao compromisso humano e celestial de passarmos desta para uma melhor, cientes das realidades cósmicas e imbuídos das mais importantes atribuições energéticas, que fazem o equilíbrio do universo e por tanto, regem a eternidade do espírito e da solidariedade entre os seres portadores das energias vitais, que são: “A Sabedoria e o Amor”.



## SINAL DE ORDEM

*Cesar Augusto Pascali Rago<sup>10</sup>*

Conheci um Irmão que primava pela ritualística. Havia sido um Mestre de Cerimônias de primeira linha e durante o tempo em que estive como Venerável Mestre de sua Loja, conduzia as sessões praticamente sem olhar o ritual e com um tom de voz, uma cadência e uma harmonia de um verdadeiro maestro.

Com esse gabarito, é certo que o referido Irmão era habitualmente chamado para auxiliar nas Sessões nas Lojas coirmãs. Com sua precisão, ritmo e desenvoltura, não havia como qualquer parte da cerimônia fugir ao ritual.

Esse Irmão era o proprietário de uma vidraçaria na cidade em que morava. Executava de forma exímia, trabalhos em vidro plano, jateamento e outros serviços. Tão elogiado em seu trabalho profissional, como era na execução das atividades maçônicas.

A periculosidade que permeava sua atividade profissional nunca foi um problema para ele. Sempre muito cuidadoso no manuseio dos vidros e sempre muito exigente com seus funcionários no tocante aos equipamentos de segurança, acidentes eram uma raridade. Entretanto, em um desses raros momentos de distração, o exímio Irmão cortou a mão enquanto manipulava uma peça e o corte atingiu o tendão responsável pela movimentação do dedo anelar, fazendo com que tal dedo ficasse permanentemente encolhido.

O episódio não o impediu de continuar trabalhando, após ser tratado, e tampouco de continuar participando das sessões maçônicas. Certa vez, um Venerável Mestre de Loja coirmã pediu que ele fosse o Mestre de Cerimônias em uma Sessão de Iniciação, sob a alegação de que o Mestre de Cerimônias de

---

<sup>10</sup> Cesar Augusto Pascali Rago é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Amigos da Verdade, nº. 2937, ao Oriente de Santos – SP – GOB-SP e, como integrante da Comissão Organizadora do concurso, foi especialmente convidado para redigir este texto.

ofício estaria em viagem a trabalho e que o candidato se mostrara uma pessoa detalhista e caprichosa, merecendo, portanto, que a sessão transcorresse de forma impecável.

A sessão transcorreu com a normalidade habitual daquela Oficina, sem percalços ou imprevistos, como era de se esperar. O Venerável Mestre solicitou então ao Mestre de Cerimônias que conduzisse o recém-Iniciado ao Oriente para que lhe entregasse o avental, as luvas e o ritual e solicitou sua atenção para as instruções que o Irmão Mestre de Cerimônias lhe passaria.

O Mestre de Cerimônias posicionou-se de forma irrepreensível à frente do novo Irmão para lhe ensinar o Sinal de Ordem, mostrando-lhe com precisão o posicionamento de cada parte do corpo, sendo imitado a cada movimento. Observou, porém, que o recém-Iniciado mostrava dificuldade extrema em reproduzir com exatidão a posição da mão, já que tentava encurtar o dedo anelar da forma como via o Mestre de Cerimônias fazer, mantendo os demais dedos estendidos.

Após alguns segundos de agonia e, mais preocupado em ver se o todo estava correto, o Mestre de Cerimônias se deu conta do que o novo Irmão estava tentando fazer e interrompeu-o: -- Não, não meu Irmão! Os dedos devem ficar estendidos. Eu não consigo mais fazer dessa forma porque tenho um tendão comprometido!

O candidato, aliviado, estendeu os dedos e completou o sinal.

# A INTRUSA

*Getúlio Canuto Vieira*<sup>11</sup>

*Vencedor do Prêmio “Rafael Souza  
Silva” como melhor Conto*

Numa tarde de vinte de agosto, enquanto o sol ainda ardia como fogo, em uma das lápides do Cemitério da Temperança, na cidade Entre Colunas, uma mosca tentava profanar a murcha flor, cujo copo acabara de beber toda a vitalidade daquela acácia amarela.

Junto ao copo da murcha flor, uma foto 3x4 em preto e branco, com uma frase: “Aqui jaz o arrependimento”. Chega, então, um sujeito com a mesma fisionomia estampada da foto que lá estava, a mosca ali soliloquiando, refletia, se era verdade que neste lugar, todos eram iguais como irmãos.

Com os ventos laterais, que as mãos do sujeito produziam com movimentos de norte a sul, nem deu tempo para a mosca cotejar as informações recebidas, fazendo um voo cego, e batendo com a cabeça no vidro da porta de um carro parado, onde a transparência do vidro não consegue demonstrar a verdadeira realidade justa e perfeita.

Enquanto a mosca tentava recuperar os sentidos, sentada na maçaneta da porta, levantou-se assustada ao ver chegar um discreto homem todo de preto e um outro usando um capuz na cabeça, chamando também o sujeito da foto e vendando-o.

Sem querer a mosca caiu dentro do carro, bateu no retrovisor, e com tantas freadas foi parar no banco traseiro. Assim a mosca não conseguiu fugir daquele sequestro.

Bem no bolso da camisa branca do sujeito da foto, a intrusa foi parar. Foram várias voltas por estradas sinuosas. Finalmente o carro parou em uma esquina, e todos desceram. Deixaram

---

11 Getúlio Canuto Vieira é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Colunas da Serra do Mursa nº. 4358, ao Oriente de Várzea Paulista – SP – GOB-SP.

o sujeito da foto com uma parte do peito desnudo e este foi carregado para uma sala escura, parecendo uma caverna com algumas infiltrações na parede, provavelmente as goteiras que desciam pelo telhado. Logo em seguida, pediram que ele escrevesse seu testamento. Neste momento passava pela cabeça daquele homem toda sua trajetória de vida.

O homem então é retirado daquela suposta caverna, alguém o conduziu pelo braço, como se fosse um sacrificador, e o homem, ainda vendado, foi parar em outro ambiente.

Ouviu então alguém perguntar: “Quem vem lá”? - . Imaginava que ele era um viajante, que para entrar em terras desconhecidas, precisava ser apresentado com um ritual de boas-vindas.

A mosca a gotejar, escorregava pelo bolso da camisa do sujeito toda vez que queria sair. Em um certo momento, a mosca pensou que seria esmagada pela ponta de uma espada, mas não foi daquela vez, pois alguém gritou: - “É do lado esquerdo”, e o coração daquele homem batia tão forte, que a mosca, intrusa naquele local, não conseguia ouvir mais nada.

Surgiu então o cheiro doce em um cálice, despertando o interesse da mosca. Enquanto o sujeito da foto degustava bem devagar, de repente, o líquido doce transformou-se em amargo e escorreu dos lábios do homem caindo em cima da mosca, deixou-a em alerta. Enquanto gritavam: “Mentiroso!!!”, o homem era carregado pelos braços e se ouviu o bater de uma porta.

A mosca precisava renovar o ar. Como todos procuram a luz, uma vela próxima a um livro num oriente próximo, foi a referência para a mosca sair voando.

Voou no exato momento em que o sujeito da foto era desmascarado. O homem emocionado, parecia uma planta nova, que acabara de deixar aquele copo sem água e ali renascia em um vaso com terra adubada para o lavradio.

A mosca voou para um estandarte pendurado em um mastro, onde as teias de aranha tecidas na parede, passam como se lhe cortasse a garganta. Lá ficou ela, presa, como se guardasse todo segredo vivido naquela história tão pitoresca. Aguardando também, o seu renascimento.

## UM ESTRANHO NO NINHO

*Ricardo César Felipe*<sup>12</sup>

Acredito que todo recém-iniciado traz consigo o ímpeto de se familiarizar com os Irmãos de Loja, de estudar a arte real para o seu aperfeiçoamento e o desejo de visitar outras Lojas para participar de seus trabalhos, principalmente nas Iniciações para saber do Iniciado quais foram as suas impressões tiradas do simbolismo da que eu considero ser a mais importante cerimônia da vida de um Maçom.

Era dezembro de 1992 e fazia muito calor naquela noite; como qualquer Iniciado, eu estava ao mesmo tempo feliz e ansioso, pois preparava-me para adentrar nos Augustos Mistérios em uma certa Loja Maçônica no interior de São Paulo, exatamente na última sessão daquele ano, o que para mim foi uma verdadeira tortura, afinal, eu teria de aguardar o período de recesso até o ano seguinte para estar novamente em Loja com os Irmãos e retomar os trabalhos.

Nessa época eu residia em uma cidade próxima de onde fui iniciado e meu relacionamento interpessoal era quase totalmente vinculado ao trabalho desenvolvido na Delegacia de Polícia local, isto porque, o atendimento ao público se tornava um grande vetor que propiciava a conquista de várias amizades.

Foi nesse cenário que eu conheci um grande amigo, aquele que mais tarde soube se tratar de um Irmão. Vou chamá-lo de Roberto. Era dentista conhecido da cidade, cinquenta e poucos anos, exímio contador de histórias e saudosista ao extremo, sobretudo quando falava de sua terra natal, localizada na região centro-oeste do estado de São Paulo.

Roberto descrevia sua cidade com propriedade e a expunha com detalhes que parecia ter saído do roteiro de um filme. Eloquente, falava da elegância das pessoas e de seus afazeres, dos domingos ensolarados no Country Clube e daquele chopp

---

12 Ricardo César Felipe é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Célula Mater da Nacionalidade, nº. 2791, ao Oriente de São Vicente – SP – GOB-SP.

cremoso e indefectível, servido a zero grau na casa mais badalada da cidade, que mais chamava a atenção por possuir um sistema próprio que bombeava a água de uma cisterna para despejá-la no teto e arrefecer o calor que persiste na cidade até de noite, dando aquela gostosa impressão de chuva.

Enfim, de forma empolgante ele contava o dia a dia dessa pulsante cidade que, apesar de quente, despertava a qualquer pessoa uma paixão singular à primeira vista, seja pelo estilo de vida de seus cidadãos, seja por oferecer atrativos para todos os gostos e idades, mantendo, em contrapartida, o charme de uma cidade interiorana.

Os dias se passaram e ao meio de tantas coisas que Roberto falava dessa cidade, certa feita não hesitei em lhe perguntar se lá existia alguma Loja Maçônica regular.

Com ar de mistério, mas com a mesma propriedade de sempre Roberto respondeu com um sonoro “sim” e passou a citar a atuação dessa Loja na região, ao mesmo tempo em que se detinha para desenhar com os dedos no ar – seu costume, herdado das raízes italianas – os detalhes do imponente Templo, que lembra o Partenon, na Grécia, dado o estilo arquitetônico e sua localização acima do nível da cidade, bem como da decoração imponente que impressionava por sua beleza e sobriedade.

E essa era a rotina. Toda vez que eu encontrava Roberto na cidade ou em uma reunião de família sempre pedia para ele falar alguma coisa de sua terra natal, pois, a essas alturas, já tinha me apaixonado por ela só de ouvi-lo na verve de sua narrativa.

Eis que certo dia encontrei Roberto no centro da cidade e resolvi convidá-lo para um café. Iniciamos uma conversa animada e descontraída quando, em dado momento, ele decidiu me fazer uma surpresa convidando-me para participar de uma Iniciação em sua terra natal, afinal, eu era um tenro Aprendiz recém-saído das cavernas da ignorância e ele sabia que visitar Lojas era essencial para a formação de um Maçom, além do que eu teria, de quebra, uma oportunidade de conhecer a cidade de que ele tanto falava.

Com os olhos brilhando de alegria e satisfação não pensei duas vezes e de pronto aceitei o convite.

E lá fomos nós!

Após percorrer algumas horas de viagem avistei a entrada da cidade e logo pude perceber que Roberto não economizou palavras. De fato, a cidade pulsava tudo aquilo que ele dizia e apesar de muito quente, era tudo muito limpo e transpirava beleza e organização, com especial detalhe as ruas do bairro onde era possível notar árvores frutíferas bem podadas que exalavam as mais variadas nuances de perfume ao som de pássaros.

Ficamos hospedados na casa que ele mantinha preservada especialmente para a sua estada quando em visita aos familiares; era um bangalô charmoso e decorado com muito bom gosto, possuía quintal avarandado nos fundos, revestido com ardósia e floreiras em volta das janelas dos quartos, mantidas cuidadosamente pela cunhada.

Após o almoço, descansamos um pouco e tiramos a parte da tarde para darmos uma volta e conhecer rapidamente os principais pontos da cidade para que eu sentisse de perto a rotina das pessoas e seus costumes.

Por fim, paramos naquela choperia famosa, tomamos um chope bem gelado para aplacar o calor e voltamos para casa para nos preparar para a noite. Pouco antes das 20 horas saímos rumo a sessão e chegamos com certa antecedência. Fazia uns 30 e poucos graus, estava realmente quente, mas chegamos cedo, porque sabíamos que a Loja era numerosa e naquela noite, em especial, estaria com a presença maciça dos Irmãos do quadro, bem como de outras Lojas por se tratar de uma Iniciação.

Já dentro do edifício, vários Irmãos se encontravam no átrio assinando o livro de visitantes em meio a calorosos cumprimentos, altas risadas e do vozerio agitado que mais parecia uma Torre de Babel. Detive-me por alguns instantes para examinar o local e constatei que a Loja era tudo que Roberto falava em termos de beleza e arquitetura, o que só veio a acentuar a minha visão imaginária daquele Templo monumental. Olhei em volta e percebi que o candidato – que aqui vamos chamar de Henrique – já tinha sido preparado e estava recolhido em uma sala especial na parte externa do edifício, por ser um local mais tranquilo e longe daquele burburinho para que ele pudesse preencher, em silêncio, a documentação final e necessária para a cerimônia.

Iniciada a sessão, notei uma certa tensão no semblante de Henrique, denunciada pelo suor que escorria de sua testa, porém, ele prestava muito atenção no que lhe era perguntado, passando-nos a impressão de seriedade e de quem estava bem consciente, entregue e imerso na cerimônia.

Enfim, chegada a grande hora, Henrique terminou a Iniciação visivelmente emocionado e com os olhos marejados de lágrimas, contagiando a todos os presentes, principalmente a mim, que ainda tinha lembranças frescas da minha Iniciação.

Encerrados os trabalhos, como um raio, eu e Roberto fomos direto para o ágape nos livrar de nossos paletós e se refrescar por dentro como verdadeiros homens de boa vontade, além, é claro, de nos juntar aos Irmãos que já formavam um semicírculo em volta de Henrique com inúmeras perguntas:

— O que achou da Iniciação? O que sentiu em cada momento? Entendeu a mensagem da Iniciação? E sobre os símbolos, o que entendeu?

Com muita paciência e bom humor, Henrique tentou responder a todas as perguntas daqueles Irmãos que o rodeavam, porém, em determinado momento ele se deteve por alguns instantes, olhou para cima com um ar de desconfiado e disse aos presentes:

— Foi realmente fantástica a Iniciação e eu não esperava por menos, até porque nos faz despertar os sentimentos mais ocultos guardados dentro de nós, mas, de tudo, de tudo, o que eu ainda não consegui entender foi o significado da cobra.

E concluiu com a seguinte pérola:

— Tem algo a ver com o pecado original, não é? Indagou o Neófito.

Os Irmãos que estavam ali se entreolharam meio desconfiados e sorriram indolentemente para Henrique suspeitando se tratar de uma alucinação dele por causa do calor, mas ele retrucou o clima de desconfiança de todos e exclamou:

— Sim!!! Lá naquela sala onde eu fiquei trancado, preenchendo aqueles papéis, tem uma cobra que me olhava fixamente, daí a razão de querer saber qual a sua simbologia na Iniciação!

Sem entenderem nada e já esperando pelo pior, os Irmãos foram até o local onde Henrique esteve e para a surpresa de todos, lá estava ela: enrolada e feliz ao meio de algumas folhas, desfrutando do calor daquela noite, naquela Loja majestosa e naquela cidade magnífica de que tanto Roberto falava, talvez aguardando o próximo Iniciado...



# O MAÇOM SERESTEIRO

*Reinaldo Crocco Júnior<sup>13</sup>*

Vila de Porto Feliz, 19 de agosto de 1831, noite de sexta-feira. Um militar devidamente fardado sai de sua residência nas imediações do Quartel da Guarda Nacional e segue a passos firmes pelas vielas tortuosas e esburacadas, guiado pela luz refletida da lua e pela tênue iluminação das tochas incandescentes. Seu destino, não muito distante, é uma casa de residência bem construída para os padrões da época, localizada no caminho largo e sem saída (atual Rua José Martins Bastos), cujo terreiro se limita com as margens lendárias do velho Rio Tietê. Nessa casa ocorreu a reunião com outro militar, seu proprietário, com a finalidade de fundar neste solo bendito de Araritaguaba a primeira Loja Maçônica do Estado de São Paulo, à qual foi dada a denominação de “Inteligência”.

O militar visitante era Luiz Luciano Pinto e o visitado era João Baptista Lobo de Oliveira, ambos oriundos da Loja Razão, de Cuiabá, no Estado do Mato Grosso, onde o primeiro integrava o quadro de obreiros, sem cargo maçônico definido e o segundo ocupava o cargo de Mestre de Cerimônias. A história narra que a reunião levada a efeito pelos ilustres Maçons militares estendeu-se pela noite, pois muitos eram os planos a serem traçados e maior ainda a responsabilidade assumida junto ao Grande Oriente do Brasil.

É gratificante imaginar e sentir as vibrações emanadas dos trabalhos daqueles dois irmãos militares, realizados, certamente, sob o facho de luz que emanava dos pavios azeitados das velhas lamparinas, pois a luz elétrica só chegou a Porto Feliz em 1912.

Diz a lenda que os trabalhos de fundação da Loja Inteligência já avançavam a madrugada quando, ao longe, uma voz encantadora rompeu o silêncio, sob os plangentes acordes de um violão em serenata! Nesse momento os preciosos afazeres dos irmãos fundadores foram momentaneamente interrompidos para

---

<sup>13</sup> Reinaldo Crocco Júnior é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Inteligência, nº. 14, ao Oriente de Porto Feliz – SP – GOB-SP.

que sentissem na alma a magia e o encanto daquela canção! Descobriu-se, posteriormente, que o surpreendente instante poético havia sido proporcionado pelo alfaiate, músico e cantor Manoel Ignácio de Faria, homem muito considerado na Vila de Porto Feliz.

Em que pese o fato de a seresta ocorrida naquela madrugada não ter relação direta com a histórica fundação da primeira Loja Maçônica do Estado de São Paulo, não se pode negar que, por obra do Grande Arquiteto do Universo, aquele momento se revestiu de poesia por encantar os corações dos irmãos fundadores e, também, por sugerir um dos primeiros nomes que viria a integrar o quadro oficial de obreiros da Oficina recém-fundada!

Sob essa inspiração e por seus dotes de cidadão honrado e justo, o seresteiro Manoel Ignácio de Faria, nascido em Ararituaba no ano de 1805, foi Iniciado nos augustos mistérios maçônicos pela Loja Intelligência no dia 30 de janeiro de 1832, elevado em 01 de fevereiro de 1832 e exaltado no dia 02 de fevereiro de 1832, coisa comum naquele tempo em que a Maçonaria dava os primeiros passos de sua grande caminhada pela Província de São Paulo. De acordo com os registros encontrados Manoel Ignácio de Faria adotou o nome simbólico de “Epaminondas” e, em 06 de maio de 1832, foi eleito pelos Irmãos do quadro, para compor a Primeira Administração Oficial da Loja Intelligência, onde exerceu, exemplarmente, o cargo de Mestre de Cerimônias.

A Vila de Porto Feliz, como bem sugere sua denominação, sempre foi festiva, desde a época em que os bandeirantes e monçoeiros partiam do Porto de Ararituaba em venturosas navegações pelo Rio Tietê, rumo aos sertões do Brasil central. Já naqueles saudosos tempos suas noites eram o palco predileto dos trovadores notívagos que soltavam suas vozes melodiosas em memoráveis serenatas, ao som das flautas e dos violões! Foi assim que a pacata Vila se fez famosa e animada pelo romantismo mágico dos instrumentos musicais habilmente manejados pelos saudosos e consagrados músicos e maestros!

Diz a história que o Maçom Manoel Ignácio de Faria, além de tocar magistralmente vários instrumentos musicais, também tinha uma bela e melodiosa voz, fatores que o levaram a ser considerado um dos maiores seresteiros da Vila de Porto Feliz!

Os antigos moradores afirmavam que não havia uma data simbólica que não se tornasse motivo imperioso para que o Maçom “Epaminondas”, carregasse seu plangente violão pela noite adentro, e encantasse corações nas suas memoráveis serenatas.

Não raras vezes “Epaminondas” reunia outros amigos com os quais formava um seletto grupo musical, fazendo ecoar nas noites geladas da Vila de Porto Feliz os imorredouros e tão saudosos acordes das vibrantes valsas de outrora! Além disso Manoel Ignácio de Faria jamais se negou a atender pronta e gratuitamente, por meio da sua nobre arte, a todas as funções reais e eclesiásticas.

Naqueles velhos tempos o aglomerado habitacional da Vila de Porto Feliz se concentrava nos arredores da Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens, inaugurada no dia 09 de outubro de 1750. Nessa região também estavam a Casa da Câmara e o Pelourinho, desde o dia 22 dezembro de 1797. Era esse, portanto, o palco natural das antigas madrugadas de serestas, magistralmente realizadas sob um céu salpicado de estrelas ou até mesmo encoberto pelo nebuloso sereno da noite!

Não havia um só cidadão na Vila de Porto Feliz que não fosse admirador da nobre arte desempenhada pelo Maçom “Epaminondas”! Quer fosse nos festejos particulares, quer fosse em alguma solenidade pública, a presença musical de Manoel Ignácio de Faria era condição essencial para o sucesso.

Não encontramos registro da data exata do falecimento de Manoel Ignácio de Faria, o “Epaminondas”! Certo é, todavia, que sua morte deixou um enorme vazio na alma enternecida de cada morador da Vila de Porto Feliz, que teve a elevada honra de desfrutar, naquela época, da sensibilidade artística e da lhanza de alma do ilustre músico e cantor.

Os antigos moradores costumavam contar, entretanto, que mesmo depois da sua morte a voz suave e melodiosa de Manoel Ignácio de Faria ainda se fazia ouvir nas madrugadas da Vila de Porto Feliz, sob os acordes chorosos da prima e do bordão, não raras vezes acompanhados pelo som angelical e contagiante dos saxofones e das flautas!

Lenda ou realidade não se pode negar, pela magia da saudade, que o cenário ao redor da quase tricentenária Igreja Matriz de Nossa Senhora Mãe dos Homens na região central de Porto Feliz preserva, as doces recordações dos antigos tempos, impregnadas nos entalhes das velhas janelas e nos traçados ainda tortuosos e íngremes dos seus históricos caminhos!

Inegavelmente o Maçom seresteiro Manoel Ignácio de Faria ou simplesmente “Epaminondas”, tem seu nome gravado na história! Quer seja em tempo de verão sob um céu repleto de estrelas, quer seja nas madrugadas geladas sob a luz inspiradora da lua, sua voz ecoará por todo sempre no palco histórico deste Porto Feliz, como um sopro divino que as noites dos tempos jamais conseguirão apagar!

Realidade ou ficção, a pitoresca história do Maçom seresteiro da Vila de Porto Feliz é mais um conto, entre tantos outros, que compõem a trajetória da Loja Intelligência, a Célula Mater da Maçonaria Paulista, ao longo dos 191 anos de sua fundação!

Oh linda Terra de Ararituaba! / Das noites enluaradas / A  
reviver nas serestas / As tuas glórias passadas!

## UM MAÇOM DE FIBRA

*André Luiz Pereira de Godoi<sup>14</sup>*

Afonso, nascido no interior do Rio Grande Sul nos anos 60, filho único, ao vir ao mundo começou a sua saga de acontecimentos infaustos. O médico ao retirá-lo de dentro de sua mãe, pois nasceu de cesárea, que foi necessária em razão do seu tamanho, não conseguiu segurá-lo firmemente e ele ficou parecendo um ioiô preso no cordão umbilical. Foi aquela correria para ver quem o segurava, parecia uma cena de comédia envolvendo médico e enfermeiros, cada um da sua forma tentando segurá-lo.

Quando finalmente, parou de se mexer, os enfermeiros não sabiam o que fazer, se socorriam o bebê pendurado ou a mãe que estava sendo puxada para fora da maca e quase caindo ao chão. No final deu tudo certo, o médico deu o tradicional tapa para ele chorar e tremia que nem vara verde, pois, nunca havia passado por isso.

Quando ainda era bebê, aconteceram algumas coisas que não eram normais para alguém da sua idade. Sua mãe havia trazido o açucareiro para adoçar a sua mamadeira. Após ele tomar a sua mamadeira que era de tamanho grande, parecia um “litirão” de cerveja, colocou o bebê para dormir depois do tradicional arroto. Agora imaginem a cena: a mãe segurando um bebê enorme, com uma mamadeira enorme, nossa, quando acabava a mamadeira ela precisava de ajuda para colocar a criança no berço e ficava muito cansada. Então, como estava contando, a mãe deixou o açucareiro próximo ao berço e ela no sufoco para colocá-lo a dormir, não viu que o recipiente com açúcar caiu dentro berço. Durante a noite o bebê chorava, chorava e a mãe, coitada muito cansada não ouviu e para complicar mais ainda a situação seu pai não estava em casa, estava trabalhando.

---

14 André Luiz Pereira de Godoi é Mestre Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Cipriano Barata, nº. 4230, ao Oriente de São Paulo – SP – GOB-SP.

Na manhã seguinte, quando a mãe acordou, o menino estava quieto. Ela estranhou porque nesse horário ele acordava para mamar. Levantou-se, foi de encontro ao berço e chegando lá levou um susto tremendo, o bebê estava todo picado de formiga que foram atraídas pelo açúcar derramado. Foi um desespero total e correria para levar a criança ao hospital. Mas depois de uns dias ele estava recuperado.

Numa outra ocasião, ele que havia aprendido a engatinhar, estava pela casa para lá e para cá e sua mãe estava fazendo limpeza na cozinha. Eis que a água que estava sendo usada na limpeza, escorre para a sala sem a mãe ver. O bebê se aproxima e vendo aquela água toda, começa a brincar, ficando todo molhado. Se fosse um bebê normal, o máximo que aconteceria era ele logo depois seria acolhido pela mãe, trocada a roupa e tudo que normalmente acontece num caso desse. Mas não o Afonso, o bebê curioso como qualquer um, resolve colocar dois dedos da mão em uma tomada desprotegida. Adivinha o que aconteceu? Isso, o bebê tomou um tremendo choque, vindo a gritar. Sua mãe desesperada veio correndo ao seu encontro e ao pegá-lo também tomou um choque, mas conseguiu socorrê-lo. E ele sobreviveu milagrosamente.

A sua adolescência, não poderia passar em branco, numa situação muito perigosa ele andando de bicicleta, não viu um buraco próximo a uma ponte numa cidade do interior em que ele estava passando férias, vindo a cair em cima de duas pessoas que estavam pescando em um barco no rio por onde essa ponte passava. Dessa vez ele até deu sorte, como caiu sobre duas pessoas, a sua queda foi amortizada e ele saiu ileso. O mesmo não se pode dizer das duas pessoas, como não estavam esperando que alguém caísse sobre suas cabeças, sofreram problemas físicos graves, inclusive uma delas quase ficou parálitica.

Eis que finalmente Afonso chega a fase adulta, passou por vários perrengues, como em toda a sua vida desde bebê, num dos momentos críticos quase morreu num acidente automobilístico, após seu carro deslizar em uma mancha de óleo no asfalto e vindo a chocar-se com um caminhão que vinha no sentido contrário à sua “mão” na via em que estava. Passou algum tempo internado, mas como sempre, se recuperou.

O importante é que ele se tornou um ser humano com ótimas qualidades e sempre elogiado por quem o conhecia. Estudou bastante, arrumou um bom emprego, era um exemplo de profissional, casou-se com uma ótima mulher e tinha um filho que era tudo para ele. Tais qualidades chamaram a atenção de um colega seu que era Maçom, que o convidou para entrar na Ordem. Afonso, sabedor do funcionamento da Maçonaria através de seu padrinho, ficou entusiasmado e aceitou passar por um processo de avaliação e caso aprovado, por um ritual de Iniciação.

Na sua sindicância, correu tudo bem, inclusive sua esposa aprovou a sua entrada na Ordem e apenas uma coisa chamou a atenção: Afonso comentou que em toda sua vida sempre passou por muitos “acidentes” e tinha medo de que acontecesse alguma coisa com alguém que estivesse ao lado dele, no caso, alguém da Ordem. De acordo com ele, era um pouco sem sorte e não sabia como tinha sobrevivido até agora. Agradecia aos céus que, até aquele momento, seus familiares não tinham sofrido nada ao seu lado. Os sindicantes tentaram tranquilizá-lo e a entrevista foi encerrada de forma satisfatória.

Como todo candidato a entrar na Ordem, passou por alguns trâmites e foi aprovada a sua Iniciação. Ele conta que no dia se sentiu muito bem amparado pelos membros da Loja, seu receio era de que acontecesse algo de negativo, o que não ocorreu, deu tudo certo e ele estava radiante na festividade de comemoração do ato, ocorrida após o término da cerimônia. Em certo momento confessou que se sentia entre os Irmãos que ele não havia tido por ser filho único.

Sua trajetória na Maçonaria ia de vento em popa, era muito dedicado, não faltava as sessões, cumpria com seus metais, apresentava trabalhos, visitava Lojas e uma característica sua o ajudava, era muito estudioso. Estava sempre com os Irmãos de Loja e se sentia muito seguro, inclusive os seus “acidentes”, pararam de acontecer, pois, sempre tinha alguém ao lado.

Afonso sempre sonhou ter uma moto, mas, em razão dos acontecimentos em sua vida, tinha muito medo. Foi sugerido a ele entrar em um moto clube ligado a Irmãos da Maçonaria, uma entidade paramaçônica. Aceitou a sugestão e viajou várias vezes, sempre amparado e nunca nada de ruim aconteceu.

Em razão do seu perfil, seus aumentos de salários foram acontecendo de forma normal e depois de alguns meses passou de Aprendiz para Companheiro e meses depois para Mestre. Passado um tempo, veio a passar por um momento marcante na Maçonaria, sua indicação para Venerável. Quando lhe foi perguntado se aceitava tamanha responsabilidade, pois, ser o líder de uma Loja não é tarefa nada fácil, não pensou duas vezes, inclusive falou que era um dos mais bonitos momentos da sua vida.

Sua gestão de Loja foi muito auspiciosa, com muita seriedade, paciência e tomando todos os cuidados com o destino dela, tanto com os Irmãos, como na parte financeira. Em razão da forma que conduziu a Loja, foi eleito para mais um mandato que também foi uma gestão muito boa. Foi convidado a ser deputado estadual, participou ativamente na Assembleia. Perguntado se havia interesse em concorrer a presidente da “casa”, respondeu que não, em razão de não se sentir preparado para a grande responsabilidade do cargo.

Foi deputado federal sempre atuante, deixando boa impressão aos seus pares, sempre demonstrando o perfeito Maçom que foi. Afonso veio a falecer num acidente de avião, desde criança vinha sendo rodeado pela morte e sempre se safando e continuando vivo. Como a morte é certa para todos, seu dia também chegou. Deixou um legado a ser seguido por todos, pois, era um bom marido, um bom profissional e amava a Maçonaria, onde encontrou apoio para se desenvolver, desbastando a pedra bruta sempre com apoio dos integrantes da ordem. Deixou de ser um homem de pouca sorte para ser um homem de realizações e crescimento junto com os Irmãos e exemplo para a sociedade profana e maçônica. Que o Grande Arquiteto do Universo o tenha.

# O MELHOR ORADOR

*Arnaldo Duarte Lourenço<sup>15</sup>*

Todos os Irmãos e todas as Oficinas têm fatos e situações que se tornam históricas, inesquecíveis e até hilárias. Certa vez, depois alguns anos na Sublime Ordem, já tendo ocupado diversos cargos, fui convocado pelo futuro Venerável Mestre para assumir o cargo de Orador, sendo de conhecimento de todos que o “Guarda da Lei”, outro nome dado ao Orador, é um cargo de extrema importância.

Imediatamente, sem pestanejar, aceitei a nova missão, o novo e importante cargo a ser assumido, brevemente. Depois da posse e das primeiras atuações como tal, certa vez estava presente um antigo e experiente Orador, que inclusive ocupou esse Cargo na mesma Loja, sendo para mim um verdadeiro Mestre na Arte da Oratória, na qual esbanjava conhecimento, com uma retórica invejável.

Evidentemente procurava me embasar nas suas atitudes e tê-lo como um espelho ou norte a fim de exercer essa importante função com maestria. Certa vez então, ao término de uma sessão, durante o ágape, sentei-me a seu lado e começamos a conversar cordialmente. Em dado momento perguntei a Ele:

— O que o prezado Irmão tem achado da minha atuação como Orador desta Loja?

O mesmo, pensou um pouco e me respondeu:

— O Irmão é o segundo melhor Orador que conheço.

Fiquei lisonjeado e extremamente feliz, pois não me achava tanto. Ato contínuo lhe perguntei:

— Então quem é o primeiro melhor Orador que o Irmão conhece?

Então Ele me disse:

— Todos os outros, meu Irmão, todos os outros...

---

15 Arnaldo Duarte Lourenço é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Florentino Diegues Gonçalves n.º. 2691, ao Oriente de Santos – SP – GOB-SP.

A princípio não entendi a “piada”, mas em seguida ele caiu na risada e me disse:

— Isso é só uma brincadeira, é claro! E elogiou muito a minha atuação no cargo.

Refletindo, na verdade nunca me achei melhor ou pior, em outras palavras, não era minha pretensão ser o primeiro, mas também não imaginava ser o “último dos últimos”... No fim, tudo acabou em gargalhadas na mesa do ágape e assim, segui e concluí minha atuação nesse maravilhoso e dignificante cargo.

# FERVOROSA INICIAÇÃO

*Luis Gustavo Domingues Pereira<sup>16</sup>*

Os Oficiais, o Templo acabam de deixar,  
Bem como os demais irmãos e o Venerável.  
Chegou o Ágape, agora vou contar  
Um caso bem do memorável.

Foi lá no sul do nosso Brasil,  
Terra boa de Santa Catarina  
No enquanto de uma Iniciação fervil,  
Dê-me mais vinho, explico o fio da crina.

Estava lá, casa cheia, quase lotada  
Do Grão-Mestre ao externo cobridor.  
Seguindo a fala elegante, bem entoada,  
Chegaram as viagens com seu ardor.

A do fogo veio, então  
Esquecera, mas improvisou o Arquiteto:  
Pôs fogo dentro d'um jarrão,  
De metal, era o objeto.

O Irmão que o segurava  
Seguindo o Rito, não se deu para o fato  
Enquanto devagar se esquentava  
O antes inofensivo artefato.

---

<sup>16</sup> Luis Gustavo Domingues Pereira é Mestre Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Luz do Meio-dia, nº. 4234, ao Oriente de São Paulo – SP – GOB-SP.

Foi então que começou  
A queimar mais que o esperado.  
Irmão preocupado, mas nem ameaçou:  
Manteve o garbo, doído, mas parado.

Aí chegou a hora que não mais dava,  
Estava quente de fritar.  
E o bendito experto que não chegava  
Com o candidato a volitar.

Sem querer, se sabe ao certo,  
Num impulso impensado  
Atira para cima, alívio certo,  
O jarrão muito abrasado.

Não é aí que acaba a história,  
O negócio estava quente.  
Vem agora, na memória,  
Que foi parar lá no Oriente.

Corre o Secretário e Orador  
Tentando o pior evitar...  
Não deu tempo, mas calor:  
O Oriente a incendiar!

Obreiros foram ao socorro,  
Corre aqui, abafa lá.  
E o candidato, com seu gorro  
Nem desconfiou do tralalá.

Enfim, com o fogo desfeito,  
Retomou-se a magna sessão.  
E tudo prosseguiu belo, justo e perfeito  
Nessa fervorosa Iniciação



## O VELHO MESTRE

*Anderson Fernandes dos Santos*<sup>17</sup>

Encontrava-me sentado, admirando alguns detalhes que passavam despercebidos pela multidão, quando meu velho mestre – naquela época nem tão velho assim, sentou-se ao meu lado. Ajeitou-se com suas pastas, repousando-as no mesmo degrau em que se sentou. Eu me encontrava dois degraus abaixo. Lembro com nitidez de uma pergunta que meu velho mestre lançou e deixou repousando no ar, sem haver exatamente uma resposta que o satisfaria, eu pouco sabia e tampouco tinha intenção de visitar sua sempre polida expiração de paciência, tal qual resultava num olhar mais veemente, trazendo minha atenção tão prontamente o recebia para algo que despercebi.

No trato de seus ensinamentos e sua partilha, descobri e compreendi o respeito como uma ferramenta extremamente mais eficaz que a obrigatoriedade da obediência. Naqueles minutos que se seguiram lembro de recordarmos épocas longínquas, de passos dados na completa escuridão e ali, como que tentando me aproximar do limiar do véu da realidade, o mestre ne apoiou, me conduziu e me motivou a buscar sempre mais.

Através dessa motivação, surgiu então o convite para desvendar um ser humano que ainda estava encoberto. “Quem está lá e por que eu teria a honra de estar entre vocês?”, questionei, de prontidão. Calmamente, ele me respondeu que encontraria homens referências em suas áreas e referências como seres humanos, que trabalham incansavelmente pelo bem do próximo e que, juntos, formam uma fraternidade acadêmica em constante e pleno aprimoramento. E que eu, por mais que não acreditasse, era referência para ele.

---

<sup>17</sup> Anderson Fernandes dos Santos é Aprendiz Maçom e membro ativo da Loja Maçônica Fraternidade Acadêmica “O Alejadinho”, nº. 3590, ao Oriente de Bauru – SP – GOB-SP.

Não me esquecerei nunca disso, me marcou de forma única e hoje percebo que faz todo o sentido, pois um Irmão deve ser sim referência para o outro Irmão de forma natural. Aqui não existem uns melhores que outros, aqui não existem títulos, aqui existe uma Irmandade. A palavra “Irmandade” tem sua definição como “fraternidade, laço de parentesco entre irmãos, amizade afetuosa e íntima entre pessoas diversas” e acredito que não há palavra que defina mais a Ordem do que “Irmandade”.

Ali, meu mestre me contou que a mentira traz desunião, discordância e desdenho entre os Irmãos e que não há espaço para tal ato. Ali, se edificam Templos à virtude, cavam-se masmorras ao vício e com os Irmãos é que aprenderei a vencer minhas paixões, submeter minhas vontades e auxiliá-los em novos progressos na Ordem.

Como não me emocionar percebendo que orgulho meus pais pelo homem que me tornei, aceito entre homens livres e de bons costumes, que me auxiliarão num processo de evolução do ser humano que almejo encontrar cada dia mais próximo de ser sábio, caridoso, atento e servil. Existe tanto a aprender, a absorver, ferramentas que me tornarão mais útil na sociedade e mais forte para auxiliar meus Irmãos e a todo aquele que necessitar, pronto para ouvir, aprender, ressignificar propósitos, refazer escolhas e por mais que eu transcenda a outros graus simbólicos ou filosóficos, reconhecer que nunca serei menos do que quando entrei por aquelas portas, o que demonstra que o homem que deixou as trevas para trás agora vive sob a luz.

Naquela escadaria, ainda alguns degraus acima, meu mestre me trouxe um dos ensinamentos mais importantes que já recebi, numa reflexão sobre a compreensão da vida. Naqueles instantes, ele me disse que, para de fato alcançar essa chamada compreensão, o Homem encontrará a necessidade de visitar três lugares:

Um hospital, para compreender que nada é tão precioso quanto a sua saúde e daqueles a quem você ama;

Uma prisão, para notar o quanto realmente vale a sua liberdade, a oportunidade de vivenciar o cotidiano do seu lar, do seu trabalho, da sua família e

Um cemitério, pois ali perceberá que as verdadeiras riquezas dessa vida não são materiais e que para o túmulo, você não levará nada.

Hoje, peço licença ao meu velho mestre para reformular este seu ensinamento e dizer que, para entender a vida, é necessário visitar um único lugar:

Um Templo, para aprender “quão bom e suave é que os irmãos vivam em união” (Sl 133). Aqui, apoiarão você no cuidado de sua saúde e de seus amados; te auxiliarão a compreender a liberdade do ser humano e usufruir disso da melhor forma; além de mostrar que o que carregamos na vida não são as coisas que compramos, que desejamos ou que nos são presenteadas, mas, sim, o respeito, a admiração e o amor dos irmãos e das pessoas a quem queremos bem.

Quando, então de braços postos em minha mesa e alguns papéis à mão, estudando e buscando compreender ainda mais meu papel neste plano, que as últimas palavras de meu velho mestre me encontraram. E, com nítido receio de algum dia as esquecer, anotei-as com esmero e cuidado, para que nenhuma letra deixasse de existir, assim como ele jamais deixará de existir ao romper do dia.

Estamos aqui por motivos que não conhecemos  
Mas, ao longo de nossa existência terrena  
Percebemos que há tanto nessa lida  
Que o que somos, se torna pouco nesta vida

Queremos mais, precisamos de mais  
Buscamos mais e encontramos mais  
Deixamos de ser reféns do acaso  
Para viver um novo propósito

É quando as palavras somem  
Quando meninos se tornam homens  
Quando se empunham as espadas  
Quando a luz toma nossos olhos

Eis um aviso sincero:  
Aqui se pode tudo  
Sorrir, chorar, cantar, sonhar  
Perder, conquistar, aprender e ensinar

Esqueça o que foi o ontem,  
Esqueça o que passou há minutos  
Esteja sempre de pé e a ordem  
Para todo Ir ∴ que precisar

Pois não importa de onde viemos  
Menos ainda para onde vamos  
O mais lindo do caminho  
É ter com quem caminhar

# IRMÃO SAULO

*Luiz Carlos Concílio*<sup>18</sup>

Finda o dia. Mais uma jornada na construção do templo de Salomão termina. Cansado por mais um dia, Mestre Hiram recostou-se sob o frescor do Ébano para o tão merecido descanso.

Eis que, subindo em sua direção, aproxima-se seu Mestre predileto, e diz:

— Mestre Hiram, vou lhe contar o que disseram do Ir . . . Saulo Linder.

Hiram, com sua infinita sabedoria responde:

— Calma, meu Mestre. Antes de me contares algo que possa ter relevância, já fizeste passar a informação pelas “TRÊS PENEIRAS DA SABEDORIA”?

— Peneiras da Sabedoria?! Não me foram mostradas, respondeu o predileto!

— Sim... meu Mestre! Só não te ensinei porque não era chegado o momento, porém, escuta-me com atenção: tudo quanto te disserem de outrem, passa antes pelas peneiras da sabedoria. Na primeira, que é a VERDADE, eu te pergunto:

— Tens certeza de que o que te contaram do Irmão Saulo Linder é realmente a verdade?

Meio sem jeito, o Mestre respondeu:

— Bom, não tenho certeza realmente, só sei que me contaram.

Hiram continua:

— Então, se não tens certeza, a informação vazou pelos furos da primeira peneira e repousa na segunda, que é a peneira da BONDADE. E eu te pergunto:

— É alguma coisa que gostarias que dissessem de ti?

De maneira alguma, Mestre Hiram. Claro que não!

---

<sup>18</sup> Luiz Carlos Concílio é Mestre Instalado e membro ativo da Loja Maçônica Guardiões da Arca da Aliança, nº. 4167, ao Oriente de São Paulo – SP – GOB-SP.

— Então a tua estória acaba de passar pelos furos da segunda peneira e caiu nas cruzetas da terceira e última. E te faço a derradeira pergunta:

— Achas mesmo necessário passar adiante essa estória sobre teu Irmão Saulo Linder?

— Realmente, Mestre Hiram, pensando com a luz da razão, não há necessidade.

— Então ela acaba de vazar pelos furos da terceira peneira, perdendo-se na imensidão da terra. Não sobrou nada para contar. Lembra-te sempre: “AS ABELHAS CONSTRUTORAS DO REINO, BUSCAM NAS IMUNDÍCES DOS CHARCOS APENAS FLORES PARA SUAS LABORIOSAS OBRAS, ENQUANTO AS MOSCAS NOJENTAS BUSCAM EM CORPOS SADIOS AS CHAGAS E FERIDAS PARA SE MANTEREM VIVAS.”

O que dizer de um Irmão como o Saulo... Uma lacuna nos nossos corações foi forjada com a perda deste Irmão. Temos que levar o ensinamento que ele deixou: Amor a família, amor aos Irmãos, amor ao trabalho, amor à vida e companheiro em qualquer momento.

# IRMÃOS GÊMEOS FRATERNOS

*Alessandro da Silva França<sup>19</sup>*

Quando aceitos Maçons, o primeiro ensinamento que nos é transmitido diz respeito ao princípio basilar de nossa Ordem, o Amor Fraternal. Confesso que antes da iniciação, mesmo tendo acesso a tantos canais de informação, nada procurei pesquisar acerca da ritualística ou mesmo dos aspectos administrativos, filosóficos ou esotéricos da Maçonaria. Fiz uma opção de me deixar surpreender a cada descoberta, enfrentar cada dificuldade, receber diretamente todos os impactos que aquele renascimento poderia trazer, tanto para mim como para minha família, e, com certeza, foram muitos ao longo de quase uma década.

Mesmo com toda a acolhida e ajuda dos Irmãos de Loja, sabemos que o caminho do Neófito é árduo. Não é fácil entender e se adequar a um novo código de comportamentos morais e éticos, morrer para os vícios e adotar uma vida de virtudes requer uma entrega pessoal e comprometimento que nos põe à prova e, infelizmente, nem todos conseguem ser bem-sucedidos.

Como ao Grande Arquiteto do Universo nada escapa, em sua infinita sabedoria e bondade ele identifica em alguns indivíduos a necessidade de terem um maior auxílio em suas caminhadas pessoais, justamente para que possam evoluir e desenvolver com maior êxito todas as suas potencialidades e, por isso, coloca em suas vidas almas predestinadas que compartilharão essa jornada tão especial, em meu caso, tive a honra e privilégio de encontrar em meus Irmãos Gêmeos essa ajuda tão necessária.

Tenho uma percepção espiritual pessoal acerca deste entendimento e, ao meu sentir, a certeza que não seja algo privativo de nossa Ordem, seríamos por demais pretensiosos se

---

<sup>19</sup> Alessandro da Silva França é Mestre Maçon e membro ativo da Loja Maçônica Fraternidade de Santos, nº. 132, ao Oriente de Santos – SP – GOB-SP e, como membro da Comissão Julgadora do concurso, foi especialmente convidado para redigir este texto.

assim pensássemos, tendo em vista a universalidade do Grande Geômetra, mas, para mim ocorreu na Maçonaria.

Ao iniciar fui agraciado com dois Irmãos Gêmeos e, já em nossos primeiros contatos em compromissos em nossa Loja, pudemos perceber a enorme diferença entre cada um de nós três, formação profissional diferente, religiões diferentes e histórias de vida diferentes, mas, ao mesmo tempo, percebíamos que algo maior e inexplicável passou a nos unir de forma inquebrantável, como se ao longo de nossas existências tivéssemos um verdadeiro claviculário em nossos corações, contendo a chave de uma porta que somente se mostrou acessível com chegada da Verdadeira Luz.

Pois bem, o Portal se abriu e mesmo tendo consciência do genuíno sentimento dos demais Irmãos para conosco, foi nitidamente entre nós, Irmãos Gêmeos, que se iniciou uma compreensão mais completa do real sentido de atributos como União, Fraternidade e Tolerância.

Mesmo com todas as nossas diferentes convicções pessoais, já mencionadas, estas ficaram em segundo plano e naturalmente passamos a enfatizar somente aquilo que nos unia como Irmãos, deixando de lado tudo que pudesse de alguma forma desagregar e, mesmo sem ainda termos exatamente a consciência disso, estávamos praticando uma das lições mais nobres da Maçonaria, afastar tudo que causa a discórdia.

Como não haveria de ser diferente, todas as descobertas e princípios trazidos pela Maçonaria foram fundamentais para isso, já que a partir deste ponto em nossas vidas tínhamos em comum um mundo novo repleto de ideais nobres, pelos quais adotamos imediato respeito, observância e defesa intransigente, o que certamente facilitou o estreitamento da amizade e fraternidade.

Naquele nosso microcosmo, dos Neófitos recém Iniciados, pudemos rapidamente experimentar o que a Maçonaria em sua essência pode fazer, quando os Irmãos desprendidos de ideias preconcebidas, em uma vida profana pretérita, abrem suas almas e seus corações para os ensinamentos que a Arte Real nos proporciona, sob os auspícios do Grande Arquiteto do Universo.

A cada Sessão em Loja, a cada palestra, a cada peça de arquitetura apresentada, a cada erro, a cada acerto, a cada Grau galgado, e a cada momento vivenciado em nossas vidas particulares, o desejo de que o outro esteja sempre bem, a preocupação com as famílias, o vínculo fraternal além dos vínculos familiares sanguíneos, a vontade de estarmos juntos e compartilhar todos os momentos, são aspectos que em nossas conversas sempre lembramos e atribuímos a Deus, pois, inexplicável por outra forma, e que nos foi proporcionado por intermédio da Maçonaria, um rol de bons sentimentos que rogamos possa ser vivenciado entre todos os Maçons espalhados pelo universo.

Quis o destino, assim estava escrito, que além de nossas vidas Maçônicas, nossas vidas familiares também se entrelaçassem perfeitamente, pois, nossas cunhadas e filhos se ligaram da mesma forma rápida, genuína e íntima, com que nós Gêmeos Fraternos vivenciamos nossa simbiose, tornando-se uma única família, como entendemos que Maçonaria Universal deva ser.

Sei da enorme importância que cada Irmão tem para mim, a gratidão é enorme, desde meu padrinho, passando pelo Irmão que pelos braços pelo guiou pelas Viagens, e cada Irmão que faz parte de minha vida, porém, o Irmão Gêmeo é aquele escolhido para vivenciar do zero o seu renascimento, ele passará pelas mesmas alegrias, angústias, descobertas e agruras, será seu suporte imediato, tenho para mim que se faz necessário que o Neófito compreenda a importância desta ligação espiritual, pois, caso contrário, terá muitas dificuldades para desenvolver o sentimento Fraternal que um Maçom tem que ter para cada Irmão que habita o Universo, fundamental para que possamos construir um mundo melhor.

Com este pequeno texto quis apenas mostrar o quão importante meus Irmãos Gêmeos foram para mim e ainda são, com eles aprendi que ao unir tais homens como Irmãos, a Maçonaria não pretende fazê-los concordar em tudo. Pelo contrário, reconhece e celebra as diferenças legítimas entre os Irmãos. Ela procura vencer essas paixões discordantes que estão dentro de cada um de nós e trazer a harmonia, com enriquecimento de nossos corações com o próprio amor e bondade do Grande Geômetra, para que possamos nos associar

em um plano comum como amigos e Irmãos, não importando quais sejam nossos outros atributos distintivos.

Deixo um Tríplice e Fraternal Abraço a todos os Irmãos que me derem a honra da leitura deste singelo texto, e os meus agradecimentos especiais aos meus Irmãos Gêmeos Fraternos Amaury e Rogério, e a todos os meus Amados Irmãos de minha Loja, no Oriente de Santos (SP) e no Oriente Eterno.

# APÊNDICES

## O QUE É A MAÇONARIA

A Constituição do Grande Oriente do Brasil, maior organização maçônica da América do Sul, define Maçonaria como uma instituição iniciática, filosófica, filantrópica, progressista e evolucionista, cujos fins supremos são: Liberdade, Igualdade e Fraternidade.

Henrique Valadares, o Visconde de Cairu, em seu livro “O Aprendiz Maçom”, acrescenta que a Maçonaria “...tem por objetivo a indagação da verdade, o estudo da moral e a prática da solidariedade, trabalhando pelo melhoramento material e moral e pelo aperfeiçoamento intelectual da Humanidade”.

Sendo uma instituição iniciática, a Ordem Maçônica aceita em seu seio homens livres e considerados de bons costumes, embora somente pessoas do sexo masculino possam ingressar nas Lojas Maçônicas pertencentes à federação do Grande Oriente do Brasil. As mulheres, em boa parte das Lojas Maçônicas, têm um papel muito relevante no que concerne às atividades de caridade nas Fraternidades Femininas.

No que diz respeito ao conhecimento filosófico, a Maçonaria preocupa-se com o uso da filosofia para o bem-estar do ser humano, entendendo que conhecimento é a base de sustentação das decisões e das ações dos Maçons.

A parte filantrópica é, por vezes, o braço mais conhecido da Maçonaria, como o trabalho de apoio financeiro e administrativo que diversas Lojas Maçônicas promovem em instituições de caridade. É parte importantíssima da vida dos seus membros, mas o objetivo da Maçonaria vai muito além da ajuda ao próximo e do auxílio mútuo entre os membros de uma Loja.

Fizeram parte das fileiras maçônicas ilustres personagens da História do Brasil e do mundo, tais como: José Bonifácio,

Quintino Bocaiúva, Ruy Barbosa, Fernando Pessoa, Wolfgang A. Mozart, George Washington. Esses homens, donos de uma visão progressista, lutaram por ideais que transformaram os costumes de sua época e a Maçonaria foi, em muitos casos, o alicerce filosófico e político dessas mudanças.

A Maçonaria está longe de ser uma religião, principalmente, porque não tem os quesitos que uma religião deve ter para ser considerada como tal. Mais que isso, aceita em seus quadros homens de todos os credos, de todas as raças e não possui definições dos conceitos de Deus, formação do Universo e evolução do Homem, como os tem boa parte das religiões. Sendo assim, aceita as definições e conceitos que cada um de seus membros tem ao ingressar na Ordem, o que promove o respeito, a tolerância e o conagração de ideias.

Denominou “Grande Arquiteto do Universo” Àquele que as religiões chamam de Deus, Yaweh ou Alah, de maneira que todos os seus membros possam fazer referência a um Ser superior de forma única, sem, no entanto, deixar de lado suas individuais características espirituais.

Assim, é possível dizer que o objetivo principal da Maçonaria é desenvolver em seus membros a capacidade de transformar a sociedade ao seu redor, para que todos tenham, pouco a pouco, um mundo mais justo e mais fraterno.

## **GRANDE ORIENTE DO BRASIL DE SÃO PAULO**

São Paulo tem raízes maçônicas que datam do século XIX. A primeira Loja Maçônica fundada no estado, na cidade de Porto Feliz, data de 1831 e, ainda atuante, é denominada de Intelligência. No ano seguinte, a Loja Maçônica Amizade foi fundada na capital e a elas seguiram muitas outras, mostrando também nesse campo, a superlatividade inerente ao estado.

Tendo a Grande Loja de São Paulo, subordinada ao Grande Oriente do Brasil, realizado sua última sessão em 26 de setembro de 1901, o GOB, então sob o comando de Quintino Bocaiúva, instalou o Grande Oriente Estadual de São Paulo<sup>20</sup> em outubro

---

20 Os termos “Intelligência” e “estadoal” estão com a grafia da época

do mesmo ano, sob a batuta do Grão-Mestre Luiz Frederico Rangel de Freitas.

O Grande Oriente Estadual de São Paulo dividia território com o Grande Oriente de São Paulo, fundado e comandado por Martim Francisco, sobrinho de José Bonifácio, que contava com um pequeno número de Lojas, segundo relata José Castellani<sup>21</sup>, enquanto o Grande Oriente Estadual já somava 120 Lojas em 1902.

Em 1921, em decorrência de um desentendimento relacionado com as eleições para Grão-Mestre Adjunto do GOB<sup>22</sup> e de ações tomadas pelo Conselho Geral, como por exemplo: a extinção dos Grandes Orientes estaduais existentes e o cerceamento da autonomia das Lojas, inclusive no que se referia ao seu patrimônio, 53 das 65 Lojas Maçônicas paulistas filiadas ao Grande Oriente Estadual de São Paulo decidiram pela separação e pela fundação do Grande Oriente de São Paulo, mantendo o então Grão-Mestre Adriano Marrey Junior.

O Grande Oriente de São Paulo voltaria a se federar ao GOB em 1929, em um acordo costurado por Octávio Kelly, pelo GOB e Marrey Junior, que ainda nessa época dirigia o GOSP.

Em 2018, um novo desentendimento entre GOSP e GOB fez com que cerca de 300 Lojas participassem de uma assembleia e decidissem pela desfederalização novamente. Foi então que o GOB, sem perder tempo, fundou o Grande Oriente do Brasil de São Paulo, em 17 de setembro de 2018.

O GOB-SP chega a 2022 com 570 Lojas Maçônicas jurisdicionadas e cerca de 15 mil Maçons. Sua porção executiva é composta pelo Grão-Mestre, auxiliado por 10 Secretarias e o Ilustre Conselho Estadual. Seguindo o modelo tripartite do GOB, a Poderosa Assembleia Legislativa Estadual conta com a representação de cerca de 245 Lojas e o poder Judiciário é composto pelos Tribunais Estaduais de Justiça, Eleitoral e de Contas, além do Ministério Público.

O Grande Oriente do Brasil de São Paulo define sua missão como a de “Dar condição de aprimoramento aos homens livres e de bons costumes do estado de São Paulo, pela eficácia dos

---

21 In História do Grande Oriente de São Paulo. GOSP, 1994

22 Eleições extemporâneas, convocadas em virtude do falecimento do titular do cargo

nossos serviços, austeridade do cumprimento de nossas leis e pelo incentivo ao crescimento intelectual, social e cívico dos nossos associados”, demonstrando assim, seu alinhamento com o princípio básico da Maçonaria Universal de entregar as ferramentas necessárias ao aperfeiçoamento pessoal do ser humano e ciente de que as mudanças pessoais promovem o aprimoramento paulatino da sociedade.

### **Referências**

Castellani, J. História do Grande Oriente de São Paulo. GOSP, 1994

GOB-SP. Grande Oriente do Brasil de São Paulo [website]. Disponível em <https://gobsp.org/>





editora de autopublicação do grupo Cartola Editora

"Acreditamos ser possível reduzir desigualdades por meio da democratização da leitura,  
produzindo livros de maneira sustentável sem danificar o meio ambiente"

<https://www.cartolaeditora.com.br/sustentabilidade/>